



Emília Irene Alves da Silva **Relações de Vinculação Íntimas, Relações Familiares e Bem-Estar Psicológico: Um Estudo com Jovens Adultos**

UMinho | 2012



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Emília Irene Alves da Silva

Relações de Vinculação Íntimas, Relações Familiares e Bem-Estar Psicológico: Um Estudo com Jovens Adultos

Outubro de 2012



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Emília Irene Alves da Silva

**Relações de Vinculação Íntimas, Relações
Familiares e Bem-Estar Psicológico:
Um Estudo com Jovens Adultos**

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Psicologia
Área de Especialização de Psicologia Clínica

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Sónia Gonçalves

Outubro de 2012

Nome: Emília Irene Alves da Silva

Endereço Eletrónico: silva.emiliairene@gmail.com

Número do Cartão de Cidadão: 13373224

Título da Dissertação: Relações de Vinculação Íntimas, Relações Familiares e Bem-Estar Psicológico: Um Estudo com Jovens Adultos

Orientador: Professora Doutora Sónia Gonçalves

Ano de Conclusão: 2012

Área de Especialização do Mestrado: Psicologia Clínica

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Existem Pessoas nas nossas vidas que nos proporcionam o suporte e equilíbrio necessário para ultrapassar os momentos mais difíceis, e que de diferentes formas são igualmente importantes para a concretização dos nossos sonhos. Quero assim prestar o meu profundo agradecimento a todos aqueles que me acompanharam e permitiram que tudo fosse possível:

À Professora Doutora Sónia Gonçalves, pela inspiração que representa, pela constante disponibilidade, apoio, dedicação e paciência. Pelos valiosos ensinamentos que transmitiu, e acima de tudo, por me ter contagiado com o seu entusiasmo e otimismo. Foi um privilégio ter sido sua orientanda.

A todos os Professores da Universidade do Minho pela preciosa cedência de uns minutos das suas aulas para a aplicação dos instrumentos.

A todos os participantes desta investigação, um agradecimento especial, pois foi a sua colaboração e disponibilização do seu tempo, que tornaram possível a concretização deste estudo.

A todos os meus colegas que me acompanharam ao longo destes cinco anos. Um agradecimento especial à Catarina Fernandes, pelos momentos de partilha e cooperação, sinceridade, companheirismo e amizade, mas acima de tudo pelos valores que transmite: simplicidade e humildade.

A todos os meus amigos que me apoiaram ao longo desta caminhada, aceitando as minhas constantes ausências. À Márcia, porque a amizade sincera não tem limites. À minha Inês, por ter sido em muitos momentos o meu porto seguro. À Ju, pelas suas palavras sinceras, apoio e amizade.

E porque os últimos são sempre os mais importantes:

Um profundo agradecimento aos melhores pais, pelo amor e apoio incondicional, pela compreensão e dedicação, por estarem SEMPRE presentes e continuarem a ser o meu porto seguro. E ainda, pelo exemplo e inspiração que representam para mim.

À Francisca, a melhor irmã, porque o amor não tem limites; como um ser tão pequeno pode ser tão especial e maravilhoso!

Ao Miguel, o melhor irmão, pelas parvoíces, amizade e companheirismo.

À Tia Irene, a melhor tia, pela preocupação, dedicação, apoio e incentivo.

Ao Piu, o melhor namorado e minha base segura. Pelo amor e cumplicidade, pela constante partilha de momentos, pelo longo caminho que já percorremos... por sempre acreditares em mim!

“É com felicidade que vos quero ver todos os dias”

Resumo

Relações de Vinculação Íntimas, Relações Familiares e Bem-estar Psicológico: Um Estudo com Jovens Adultos

O presente estudo tem como objetivo principal avaliar a relação entre as relações familiares e o estilo de vinculação íntima dos jovens adultos. Apresenta ainda como objetivos específicos: 1) avaliar a prevalência dos diferentes estilos de vinculação íntima em jovens adultos; 2) aferir a existência de relações entre o gênero dos participantes e o seu estilo de vinculação íntima; 3) verificar a existência de diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino ao nível de dimensões relevantes para a vinculação íntima; 4) avaliar a existência de diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e inseguro ao nível das dimensões da representação da vinculação ao pai e à mãe; 5) aferir a existência de relações entre o estilo de vinculação íntima e a estrutura familiar (famílias intactas vs famílias divorciadas); 6) avaliar diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e inseguro ao nível das dimensões do conflito interparental; 7) avaliar diferenças entre indivíduos seguros e inseguros na relação de vinculação íntima ao nível de vários índices de perturbação psicopatológica e 8) verificar se a perturbação emocional se encontra associada ao estilo de vinculação estabelecido com o parceiro romântico.

Para a concretização destes objetivos foram utilizados instrumentos de autorrelato para a avaliação e caracterização da vinculação íntima, avaliação da vinculação aos pais, avaliação do conflito interparental e avaliação da sintomatologia psicopatológica. A amostra foi constituída por 300 jovens adultos estudantes universitários com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, sendo 191 (63.7%) participantes do sexo feminino e 109 (36.3%) do sexo masculino.

Relativamente aos resultados, a maioria dos participantes foram classificados com um estilo de vinculação íntima inseguro (63.1%), não se verificando associações entre o gênero dos participantes e o seu estilo de vinculação íntima. Todavia, verificou-se que os homens apresentaram maior *evitamento da proximidade* nas suas relações de vinculação íntimas do que as mulheres. No que respeita às relações familiares, os participantes com um estilo de vinculação íntima inseguro apresentaram maior *Inibição da Exploração e Individualidade*, maior *Ansiedade de Separação e Dependência* e menor *Qualidade do Laço Emocional* face ao pai e à mãe. Verificou-se ainda uma associação significativa entre os estilos de vinculação íntima e a sua estrutura familiar, e diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e inseguro ao nível do conflito interparental. Relativamente ao bem-estar psicológico, foram encontradas diferenças significativas entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e inseguro, com estes últimos a pontuarem significativamente mais em todas as dimensões de psicopatologia e índices do BSI (Derogatis, 1982).

Estes resultados são discutidos com recurso a uma interseção da literatura respeitante à Teoria da Vinculação na infância e na idade adulta, à qualidade das relações íntimas em termos de vinculação, à psicopatologia e características das relações familiares, particularmente o divórcio parental e conflito interparental.

Abstract

Romantic Attachment Relationships, Family Relationships and Psychological Well-Being: A Study with Young Adults

The present study has the main objective to examine the relationship between family relationships and romantic attachment style of young adults. The study encompasses as specific purpose: 1) to assess the prevalence of romantic attachment style in young adults; 2) to assess the existence of relationships between the gender of the participants and their romantic attachment style; 3) to explore differences between females and males in terms of romantic attachment relevant measures; 4) to evaluate differences between secure and insecure romantic attachment style on representation of the dimensions of attachment to father and mother; 5) to assess the existence of relationships between romantic attachment style and family structure (intact families versus divorced families); 6) to explore differences between secure and insecure romantic attachment style on the dimensions of interparental conflict; 7) to evaluate differences secure and insecure romantic attachment style on measures of psychopathology and 8) to assess the existence the relationships between romantic attachment style and the emotional distress.

In order to fulfill these purposes, participants filled in self-report measures for the assessment and characterization of the romantic attachment style, assessment of attachment to parents, interparental conflict and evaluation of psychopathological symptoms. The sample was composed by 300 young adults college students, ages ranging from 18 to 35 years old, 191 (63.7%) female and 109 (36.3%) male participants.

Results revealed that most of the participants were classified with an insecure romantic attachment style (63.1%) and no association was found between the gender of the participants and their romantic attachment style. However, it was found that males presented greater avoidance in their romantic relationships than women. Concerning to family relationships, participants with an insecure romantic attachment style reported more Inhibition of Exploration and Individuality, greater Separation Anxiety and lower Quality of Emotional Bond in father/mother attachment compared to the secure romantic attachment group. There was also a association between romantic attachment styles and their family structure, and differences between individuals with a secure and insecure romantic attachment style on interparental conflict. Regarding the psychological well-being, significant differences were found between individuals with a secure and insecure romantic attachment style, these having scored higher on all psychopathology scales.

These results are discussed by means of an intercrossing of attachment theory in childhood and adulthood, quality of intimate relationships in terms of attachment, psychopathology and characteristics of family relationships, specifically parental divorce and interparental conflict.

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Índice.....	vi
Índice de Tabelas.....	vii
Introdução.....	8
Capítulo I – Introdução Teórico-Empírica.....	10
1. A Teoria da Vinculação.....	10
1.1. Vinculação na infância.....	10
1.2. Vinculação no jovem adulto.....	11
1.2.1. Contributo da vinculação para o desenvolvimento do jovem adulto.....	11
1.2.2. Vinculação e desenvolvimento de psicopatologia em jovens adultos.....	13
2. Vinculação nas Relações Íntimas.....	15
2.1. Características das relações íntimas nos jovens adultos.....	15
2.2. Prevalência dos padrões de vinculação no contexto das relações íntimas.....	16
3. Divórcio parental, conflito interparental e as consequências nos jovens adultos.....	18
Capítulo II – Estudo Empírico.....	22
1. Metodologia.....	22
1.1. Objetivos do Estudo.....	22
1.2. Participantes.....	23
1.3. Instrumentos.....	23
1.4. Procedimento.....	24
1.5. Análise Estatística.....	24
2. Apresentação dos Resultados.....	29
3. Discussão dos Resultados.....	37
Capítulo III - Conclusão.....	42
Referências.....	45

Índice de Tabelas

Tabela 1: Descrição Sociodemográfica da Amostra do Estudo	24
Tabela 2: Distribuição dos Participantes pelos Diferentes Estilos de Vinculação Íntima	29
Tabela 3: Distribuição dos Participantes pelos Estilos de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro.....	29
Tabela 4: Medidas Descritivas dos Estilos de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro para os Participantes do Sexo Masculino e do Sexo Feminino (Teste de Qui-Quadrado)	30
Tabela 5: Comparação entre Participantes do Sexo Masculino e do Sexo Feminino ao Nível do Evitamento da Proximidade e da Ansiedade Relativa ao Abandono nas Relações de Vinculação Íntimas.....	30
Tabela 6: Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível das Dimensões de Representação da Vinculação ao Pai	31
Tabela 7: Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível das Dimensões de Representação da Vinculação à Mãe	32
Tabela 8: Medidas Descritivas dos Estilos de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro para os Participantes Provenientes de Famílias Intactas e Famílias Divorciadas (Teste de Qui-Quadrado)	33
Tabela 9: Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível das Dimensões do Conflito Interparental	33
Tabela 10: Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível das Várias Dimensões do BSI	34
Tabela 11: Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível IGS do BSI	35
Tabela 12: Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível TSP do BSI.....	35
Tabela 13: Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível ISP do BSI.....	35
Tabela 14: Distribuição dos Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro pelas Categorias Sem Perturbação Emocional e Com Perturbação Emocional (Teste de Qui-Quadrado).....	36

Introdução

Embora a Teoria da Vinculação tenha sido originalmente concebida para explicar o laço emocional entre os bebês e seus cuidadores, Bowlby (1969) defende que a vinculação acompanha o sujeito ao longo de todo o seu ciclo de vida. Contudo, é nas relações precoces com a(s) figura(s) de vinculação que podem ser encontrados os ingredientes para o estabelecimento de relações (íntimas) na idade adulta (Lima, Vieira, & Soares, 2006; Klein, 2007). Este processo tem sido compreendido à luz dos Modelos Internos Dinâmicos (*Internal Working Models*), que se desenvolvem a partir das interações repetidas com a(s) figura(s) de vinculação e que permitem organizar a experiência sob a forma de representações generalizadas acerca do *self*, da(s) figura(s) de vinculação e das relações (Bowlby, 1969; Soares, 2000). Estes modelos internos dinâmicos têm tendência a manterem-se estáveis ao longo do tempo, apesar de existir a possibilidade de (re)elaboração e desenvolvimento durante o curso de vida, contribuindo para tal as experiências relacionais do sujeito (Bowlby, 1969).

O enfoque na idade adulta é potenciado pelos trabalhos de Hazan e Shaver (1987) ao considerarem que as relações íntimas nesta idade partilham especificidades das relações de vinculação na infância. Assim, tendo ainda em conta que alguns autores consideram as relações de vinculação precocemente estabelecidas como prototípicas das relações íntimas estabelecidas futuramente (Bowlby, 1969; Cassidy, 2001) procurou-se verificar a relação existente entre as relações familiares e o estilo de vinculação íntima dos jovens adultos. Porém, o divórcio parental e/ou o conflito interparental ao potenciar alterações nas relações de vinculação com cada uma das suas figuras parentais (Moura & Matos, 2008), parecem constituir dois fatores com um impacto importante nas relações íntimas dos jovens adultos, descendentes das famílias com este tipo de características. Todavia, estudos que abordam o impacto do divórcio parental e conflito interparental nas relações íntimas dos jovens adultos têm demonstrado resultados controversos. Para além disto, em Portugal tem-se assistido a um aumento gradual da taxa de divórcio nas últimas décadas, assim, parece justificável que o presente estudo procure aumentar o conhecimento acerca desta temática.

Tendo em conta que vários estudos têm encontrado associações entre a presença de psicopatologia e a insegurança da vinculação em adultos, como a depressão e perturbações de ansiedade (e.g., Fonagy et al., 1996; Rosenstein & Horowitz, 1996) parece pertinente verificar as diferenças entre indivíduos seguros e inseguros na relação de vinculação íntima ao nível do bem-estar psicológico dos jovens adultos. Dada ainda a escassez de estudos em Portugal e o impacto negativo que isto pode constituir na vida dos indivíduos, este constitui-se então como um dos objetivos do presente estudo.

De modo a explicitar e justificar os objetivos expostos, os meios empregues para os alcançar e os resultados obtidos, o presente estudo foi dividido em 3 capítulos: Introdução Teórica-Empírica, Estudo Empírico e Conclusão. O Capítulo I – Introdução Teórica-Empírica – foi subdividido em 3 partes de modo a permitir uma exposição mais clara da informação. Numa primeira parte, é abordada a Teoria

da Vinculação na infância e na idade adulta, onde nesta última são exploradas questões como o contributo da vinculação para o desenvolvimento do jovem adulto e para o desenvolvimento de psicopatologia nesta mesma faixa etária. Numa segunda parte, é abordada novamente a Teoria da Vinculação mas aqui no contexto das relações íntimas em jovens adultos, onde são exploradas as características das relações íntimas e a prevalência dos diferentes padrões de vinculação no contexto destas relações. Por último numa terceira parte, expõe-se algumas características das relações familiares, onde são exploradas questões relacionadas com o divórcio parental, o conflito interparental e as consequências associadas nos jovens adultos. O capítulo II consiste na exposição geral do estudo empírico realizado, e encontra-se dividido em três partes: 1) Metodologia – onde se descrevem os Objetivos do estudo, os Participantes, os Instrumentos, o Procedimento e a Análise estatística; 2) Apresentação dos Resultados e 3) Discussão dos Resultados.

Finalmente, no Capítulo III, é apresentada uma Conclusão onde se pretende, em modo de reflexão, a exposição das principais limitações do estudo, assim como realçar alguns dos seus aspetos mais importantes.

Capítulo I – Introdução Teórico-Empírica

1. A Teoria da Vinculação

1.1. Vinculação na infância. A Teoria da Vinculação foi originalmente desenvolvida por John Bowlby e assenta na ideia central de que a capacidade dos indivíduos para estabelecer laços afetivos com outras pessoas é uma característica fundamental para a sobrevivência da espécie (Bowlby, 1969). Assim, ao longo do primeiro ano de vida a criança vai construindo uma relação privilegiada com a figura adulta que lhe presta os cuidados básicos e que assegura a sua sobrevivência (Soares, 2009). Esta figura adulta tenderá a tornar-se uma *figura de vinculação* para a criança e, a ser capaz de proporcionar um sentimento de segurança quando a criança percebe algum tipo de ameaça (Bowlby, 1969). Inerente a isto, está patente o sistema comportamental de vinculação, composto por um conjunto de comportamentos de base biológica característicos do ser humano, que contribuem para a sua sobrevivência desde o seu nascimento (Bretherton, 1992). Se no início da vida o ser humano é particularmente vulnerável e dependente dos cuidados de um adulto, é compreensível que um dos sistemas comportamentais mais importantes seja aquele que possibilita assinalar as suas necessidades. Deste modo, Bowlby (1988) descreve comportamento de vinculação como “*any form of behavior that results in a person attaining or maintaining proximity to some other clearly identified individual who is conceived as better able to cope with the world*” (p.29). Compreende-se assim, que a função do comportamento de vinculação seja o proporcionar proteção e segurança à criança, mas o seu resultado seja a obtenção da proximidade com a figura de vinculação (Bowlby, 1969). Isto permite concetualizar a vinculação como um laço emocional experienciado com uma(s) figura(a) de vinculação, que é percebida como uma fonte de segurança e que providencia uma *base segura* a partir da qual o indivíduo explora o meio envolvente (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). Assim, a criança pode ser capaz de usar a figura de vinculação como *base segura* para a exploração e domínio do ambiente, recorrendo a essa figura quando necessita (Soares, 2009). Tendo subjacente esta noção de *base segura*, Ainsworth e colaboradores (1978) através do procedimento laboratorial da *Situação Estranha*, procuraram ativar o sistema comportamental de vinculação da criança através da apresentação estandardizada de uma série de episódios que se apresentam como indutores de stress para o bebé (envolve momentos de separação e reunião entre o bebé e a figura de vinculação, quer com a presença, quer com a ausência de um estranho). Foram identificados três estilos de vinculação que refletem essencialmente diferenças individuais no processo diádico bebé-mãe de procura de proximidade e de proporcionar segurança e proteção: vinculação seguro, vinculação inseguro-ambivalente/resistente e inseguro-evitante. O padrão de vinculação seguro caracteriza-se por comportamentos de exploração do meio e procura ativa de proteção e conforto em momentos de stress, observando-se por parte da figura de vinculação disponibilidade e capacidade em satisfazer as necessidades da criança. Isto reflete o comportamento de *base segura* e o sentimento de segurança, tornando conseqüentemente, as crianças mais confiantes e seguras nas suas interações com ambiente

circundante. Crianças com padrão de vinculação inseguro-evitante, tal como o nome indica, evitam o contacto e a procura de proximidade com a figura de vinculação durante os episódios de reunião (predominando comportamentos de exploração) e não protestam na ausência da figura de cuidados, devido à rejeição e insensibilidade que esta manifesta perante as necessidades da criança. Finalmente, no padrão inseguro-ambivalente/resistente a criança demonstra um comportamento ambivalente em relação à figura de vinculação, ou seja, existe tanto uma procura de proximidade como uma resistência ativa ao contacto, normalmente em resposta a comportamentos insensíveis ou inconsistentes da figura de vinculação. Um outro grupo de bebés, cujos comportamentos não se mostravam consentâneos com os presentes nos padrões definidos por Ainsworth e colaboradores (1978), foi identificado por Main e Salomon (1990 citado por Soares, 1996a). Estes autores identificaram então, um quarto padrão designado por desorganizado/desorientado, que se caracterizava pela sequência de comportamentos contraditórios, bizarros e desorganizados, movimentos despropositados, estereotípias, posturas anómalas, sinais de apreensão e insegurança em relação à figura parental, revelando ainda expressões de confusão e desorientação.

Até ao momento, expusemos as principais características relacionadas com a vinculação durante a infância, entre as quais o desenvolvimento de estilos particulares de vinculação, influenciados pela relação entre um prestador de cuidados e uma figura que é cuidada. Abraçando então os pressupostos básicos da teoria da vinculação, serão abordados de seguida, os seus variados contributos para o estudo da vinculação na idade adulta.

1.2. Vinculação no Jovem Adulto.

1.2.1. Contributo da vinculação para o desenvolvimento do jovem adulto. A vinculação deixou de ser concebida como um “património” exclusivo da infância, acompanhando o sujeito ao longo de todo o seu ciclo de vida: *from the cradle to the grave* (Bowlby, 1969, p. 208). Assim, a partir da década de 80 assiste-se a um crescente interesse da comunidade científica pelo estudo da teoria da vinculação, começando a evidenciar-se uma nova fase (Soares, 2002) deslocando-se o foco de avaliação para a idade adulta e movendo-se do domínio comportamental operacionalizado, para o domínio representacional (Main, Kaplan & Cassidy, 1985). Esta entrada no domínio representacional da vinculação na idade adulta parte do conceito de Modelos Internos Dinâmicos (*Internal Working Models*), que segundo a teoria de Bowlby (1969) se desenvolvem a partir das interações repetidas com a(s) figura(s) de vinculação, na medida em que, ao longo do tempo o indivíduo vai internalizando estas experiências, organizando-as internamente sob a forma de representações generalizadas sobre o *self*, sobre a(s) figura(s) de vinculação e sobre as relações, constituindo-se como grelhas de leitura na interpretação dos acontecimentos (Soares, 2000). Isto permite ao indivíduo tomar decisões, antecipar o futuro e fazer planos e, desse modo, operar mais eficientemente (Soares, 2009). Assim, um indivíduo cuja figura de vinculação se revela disponível e responsiva às suas necessidades, viabiliza uma representação do outro como disponível, do *self* como competente, com valor e merecedor de cuidados

e afetos, bem como uma representação do mundo como um contexto seguro, proporcionando deste modo, o desenvolvimento de uma vinculação segura. Em contraste, indivíduos que não contam com uma figura de vinculação disponível e responsiva, ou seja, que não se mostra sensível às suas necessidades, potencia o desenvolvimento da representação do *self* como incompetente e não merecedor de cuidados, dos outros como não confiáveis e distantes, e uma representação de um mundo não previsível, proporcionando assim, o desenvolvimento de uma vinculação insegura (Bowlby, 1973; 1980). Deste modo, Bowlby considera que existe uma relação importante entre as experiências de vinculação na infância e adolescência e a capacidade de estabelecer ligações afetivas na idade adulta, já que a qualidade dessas experiências é essencial ao desenvolvimento de um sentimento de confiança e segurança em si próprio e nos outros (Soares, 1996b). Apesar de poderem ocorrer modificações ou ajustamentos graduais durante o curso de vida, Bowlby (1973; 1980) considera que os modelos internos dinâmicos, uma vez organizados, têm tendência a manterem-se estáveis ao longo do tempo, particularmente se as características relacionais permanecerem de igual modo estáveis. De modo consistente, alguns autores, sugerem que os modelos internos dinâmicos poderão ter um caráter autocumpridor (*self-fulfilling*) uma vez que, as ações baseadas nos mesmos tendem a produzir respostas que os reforçam. Ou seja, o assumir de uma atitude defensiva perante novas situações sociais, irá aumentar a probabilidade de rejeição, que por sua vez, reforçará a insegurança (Douglas & Atwell, 1998 citado por Feeney & Noller, 1996).

Contudo, apesar de Bowlby ter referido que os modelos internos dinâmicos possuem uma tendência para resistirem à mudança, advertiu também para a possibilidade da sua (re)construção e adaptação às (novas) circunstâncias do contexto relacional do indivíduo (Bowlby, 1969; Hazan & Shaver, 1987). Seguindo esta mesma linha de pensamento, isto acontece especialmente se ocorrerem novos acontecimentos nos relacionamentos que invalidem as representações anteriores, exigindo uma nova adaptação dos modelos internos dinâmicos e dos padrões de vinculação, de modo a melhor se ajustarem à realidade (Bowlby, 1969). Acredita-se, que este processo de (re)construção dos modelos internos dinâmicos tende a ter mais probabilidade de ocorrer, à medida que o indivíduo se vai confrontando com as tarefas desenvolvimentais específicas no decorrer do seu desenvolvimento (Lima, 2009). É claro que, as tarefas desenvolvimentais¹ da vida adulta são diferentes das vividas na infância e apelam à mobilização de recursos distintos. Assim, centrando-nos concretamente no que ocorre na transição para a idade adulta², na qual se situam os participantes deste estudo, é expectável que o jovem experiencie um conjunto de acontecimentos normativos como o ingresso no ensino superior, o conseqüente afastamento da família nuclear, o estabelecimento no seu próprio espaço, o

¹ Tarefas que ocorrem num dado período da vida do indivíduo, cujo fracasso na realização das mesmas, poderá ter como consequência a inadaptação, desaprovação social e dificuldade com tarefas posteriores. No entanto, uma boa realização dessas tarefas conduz à adaptação e ao sucesso em tarefas subsequentes (Havighurst, 1972).

² O Jovem adulto refere-se ao período inicial do desenvolvimento adulto ou período inicial da adultez, situado genericamente entre os 18 e os 35 anos (Pascarella & Terenzini, 2005).

desenvolvimento de relações íntimas com os seus pares, quer de amizade quer de caráter amoroso, o término da educação e início da atividade profissional e da parentalidade (Cavanaugh, 2005). Estes momentos, que podem ser particularmente desafiantes na vida dos jovens, podem igualmente constituir oportunidades para testar as representações que têm acerca de si próprios e dos outros significativos, e por conseguinte, contribuir para a consolidação, ou então, para a modificação de esquemas mentais ainda em desenvolvimento (Matos & Costa, 1996). A constituição da intimidade e autonomia, características desta fase, constituem-se como a base para o assumir das novas tarefas desenvolvimentais descritas (Soares, 2009). Por seu turno, estas tarefas desenvolvimentais são também consideradas necessárias para a adequada efetivação da intimidade, que subentende a capacidade de compromisso, de partilha com o outro e ao mesmo tempo a manutenção da individualidade (Erikson, 1968). Assim, esta fase pressupõe que o jovem além de expandir a sua rede relacional integrando novas relações de amizade e amorosas, tem também que negociar a sua relação com os pais, tornando-se mais maturo e autónomo, mantendo simultaneamente a intimidade e proximidade com os mesmos (Grotevant & Carlson, 1989). Isto permite-nos constatar que a vinculação e a autonomia não constituem dois processos antagónicos, mas antes dois processos dialeticamente complementares e interdependentes, ou seja, não se trata da substituição dos pais por outras figuras, mas de uma “progressiva transformação de uma relação complementar numa relação de reciprocidade” (Matos & Costa, 1996, p. 48). Esta reciprocidade é uma característica importante nas relações de vinculação na idade adulta, pois ao contrário do que sucede na infância em que as relações de vinculação são marcadas pela complementaridade e diferenciação de papéis de procura e prestação de cuidados, no contexto relacional do adulto é esperado um balanceamento entre o procurar e o proporcionar segurança e cuidados, ou seja, os adultos estão vinculados ao outro e ao mesmo tempo funcionam como figuras de vinculação do companheiro (Ainsworth, 1991). Assim, no adulto o sistema de vinculação atua de uma forma simétrica e recíproca, onde ambos os elementos da díade oferecem e recebem cuidados e apoio, aos quais se associa a expansão do repertório comportamental que envolve a integração dos sistemas comportamentais sexual e de prestação de cuidados com os sistemas de vinculação e exploração (Bowlby 1969; Hazan & Shaver, 1987). Perante tudo isto, parece claro o valor adaptativo que as relações de vinculação estabelecidas precocemente podem desempenhar no desenvolvimento do indivíduo, e em última instância nas relações íntimas dos jovens adultos.

1.2.2. Vinculação e desenvolvimento de psicopatologia em jovens adultos. A Teoria da Vinculação de Bowlby contém asserções claras em relação ao papel das experiências precoces no desenvolvimento da psicopatologia (Sroufe, Carlson, Levy, & Egeland, 1999). A qualidade das experiências de vinculação e a sua consequente representação através dos modelos internos dinâmicos, vai influenciar significativamente o modo como o indivíduo lida com os problemas interpessoais e os desafios relacionais do dia-a-dia (Egeland & Carlson, 2004; Sroufe et al., 1999). Neste âmbito, indivíduos com experiências de vinculação segura, em situações ameaçadoras tendem a procurar

conforto e apoio, uma vez que possuem a expectativa de que os outros estão disponíveis para lhe prestar apoio (Soufre et al., 1999). Em contraste, indivíduos com histórias relacionais de vinculação insegura podem estar mais predispostos a estabelecer relacionamentos pouco favoráveis e a serem facilmente perturbados (Carlson & Sroufe, 1995), já que, as experiências precoces levaram a formar uma imagem de si como incapaz de obter proximidade e dos outros como indisponíveis. Deste modo, é possível aferir que apesar de em interação com outros fatores, a qualidade das experiências de vinculação, assume-se como um fator que poderá prevenir ou potenciar o aparecimento de psicopatologia (Sroufe et al., 1999). Assim, o estilo de vinculação parece contribuir para o repertório comportamental do indivíduo, facilitando (ou não) o aparecimento de psicopatologia. Contudo, é importante ressaltar que apesar do poder das experiências precoces no desenvolvimento de psicopatologia, isto também depende do suporte providenciado pelo contexto onde o indivíduo se insere (Sroufe et al., 1999). Para além disto, durante a adolescência e idade adulta podem ainda ocorrer algumas mudanças. A emergência do pensamento formal a partir da adolescência, que permite ao indivíduo colocar-se fora do sistema relacional, pode promover novas oportunidades de reflexão, avaliação e integração das experiências passadas, tornando possível a mudança dos modelos internos dinâmicos estabelecidos precocemente (Main et al., 1985). Nesta linha de pensamento Sroufe e colaboradores (1999, p. 3) salientam que: *“Enjoining a pathway even early on does not determine final outcome but only initiates a set of possibilities. Cause is probabilistic not deterministic”*. Neste sentido, as relações íntimas poderão constituir um contexto de reorganização da vinculação, com implicações na(s) trajetória(s) desenvolvimental(ais) (Soares, 2009). Porém, apesar da mudança nunca ser descartada, ela vislumbrar-se-á mais difícil se a qualidade das experiências desenvolvimentais continuarem a reforçar uma trajetória desviante (Sroufe et al., 1999).

Alguns estudos com adultos que averiguam a vinculação e a psicopatologia têm encontrado associações entre a depressão e a insegurança da vinculação, e ainda uma elevada prevalência de organizações da vinculação preocupadas em pacientes com diagnóstico de perturbação de ansiedade (e.g., Fonagy et al., 1996; Rosenstein & Horowitz, 1996). De igual modo, parece importante verificar se existem diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e inseguro ao nível do bem-estar psicológico dos jovens adultos. Williams e Riskind (2004) realizaram um estudo cujos resultados evidenciaram que uma vinculação insegura ao parceiro estava associada a níveis mais elevados de sintomas psicopatológicos, a níveis mais elevados de vulnerabilidade cognitiva e a mais problemas de relacionamento. Para além disto, a vulnerabilidade cognitiva mediou parcialmente a relação entre a vinculação adulta e os sintomas de ansiedade e de depressão, sugerindo que vinculações inseguras podem representar um antecedente desenvolvimental para a vulnerabilidade cognitiva para a depressão e ansiedade. De modo similar, em Portugal num estudo com jovens adultos portugueses, os resultados revelaram que níveis elevados de evitamento em relação à mãe, ao pai e a outra pessoa significativa como namorado(a), estavam correlacionados de modo significativo e positivo com o aparecimento de sintomatologia psicopatológica e com níveis reduzidos de bem-estar,

durante a fase transição para o Ensino Superior (Monteiro, Tavares, & Pereira, 2007). Os resultados expostos parecem sugerir a importância de estudar esta temática, dado a escassez de estudos realizados a este nível e o impacto que esta problemática pode ter na vida das pessoas.

2. Vinculação nas Relações Íntimas

2.1. Características das relações íntimas nos jovens adultos. Historicamente, Shaver e Hazan (1988) conceitualizaram as relações íntimas como relações de vinculação ao afirmarem que “(...) *all important love relationships – especially the first ones, with parents, and later ones with lovers and spouses – are attachments’ in Bowlby sense.*” (p. 475). Estes autores defendem que as relações íntimas na idade adulta partilham características das relações de vinculação na infância, que se manifestam na assunção de que na idade adulta a relação com o parceiro pode proporcionar segurança, na medida em que é promotora da exploração do mundo e de um sentimento de competência pessoal. Neste sentido, o indivíduo irá sentir-se mais seguro ao perceber o seu parceiro como próximo, acessível e responsivo, constituindo-se este último como *base segura* nos momentos de exploração do meio e como fonte de segurança e proteção em momentos percebidos como ameaçadores (Hazan & Shaver, 1990). A investigação nesta área demonstra que a noção de *base segura* se vislumbra nuclear no âmbito das relações íntimas, possibilitando ao indivíduo a exploração “dentro e para além da relação” (Soares, 2009). Importa salientar que o sucesso deste processo decorre também do equilíbrio entre a capacidade de individuação e o estabelecimento da intimidade (Lima, 2009). Neste âmbito, a intimidade é considerada uma característica que permite distinguir as relações de maior importância para o indivíduo, abrangendo aspetos motivacionais, emocionais e comportamentais que se manifestam através da “entrega” ao outro, do aceitar e partilhar as emoções e as experiências pessoais com o outro, da reciprocidade dos cuidados e da sensibilidade perante os sentimentos do outro (Collins & Sroufe, 1999). Daqui parece afigurar-se a ideia de que, em interação, a intimidade contribui para o desenvolvimento do *felt-security*, e este sentimento por sua vez, contribui para o desenvolvimento da intimidade (Collins & Feeney, 2004). No entanto, tal como acontece na infância, entre a criança e a figura de vinculação, é igualmente esperado que uma relação amorosa necessite de tempo para se tornar numa relação de vinculação. Assim, o processo de constituição de uma relação de vinculação com o parceiro tende a demorar cerca de dois anos (Hazan & Shaver, 1994).

Como já foi possível mencionar no ponto anterior, a Teoria da Vinculação proporciona uma base de trabalho útil para compreender as relações na idade adulta. Na perspetiva de Bowlby (1969) as experiências precoces de vinculação a partir das quais se vão construindo conhecimentos e expectativas acerca do *self*, dos outros e do mundo, vão influenciar o estabelecimento das relações íntimas na idade adulta, entendendo-se então as relações de vinculação precocemente estabelecidas como prototípicas das relações íntimas estabelecidas futuramente (Bowlby, 1969; Cassidy, 2001). Apesar de Bowlby sublinhar a continuidade da organização da vinculação ao longo do desenvolvimento do indivíduo, o estabelecimento de novas relações durante a adolescência e a idade

adulta, poderão constituir uma oportunidade significativa para o indivíduo reavaliar vinculações precocemente estabelecidas (Soares, 1996a). Porém, só depois do indivíduo ter desenvolvido uma relação íntima e autêntica que invalide as expectativas anteriores e que providencie segurança, é que o indivíduo pode “voltar atrás” e reavaliar uma vinculação insegura estabelecida precocemente (Ricks, 1985 citado por Soares, 1996a).

Particularmente, tanto os estudos internacionais como os nacionais encontrados, sugerem resultados bastante consensuais, sustentando a ideia da continuidade da organização da vinculação ao longo do desenvolvimento do indivíduo (e.g., Ávila, Cabral, & Matos, 2010; Assunção, 2009; Bastos, 2005; Bragança & Campos, 2010; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Sobral, 2008). Estes, ao analisar de que forma as experiências de vinculação com os pais se relacionam com os padrões de vinculação nas relações íntimas, encontraram resultados que sugerem uma associação positiva entre a percepção da qualidade da relação estabelecida precocemente e o padrão de vinculação estabelecido com ao parceiro romântico.

Depois de expostas as principais características das relações íntimas enquanto relações de vinculação, e verificar as semelhanças (e continuidade) entre estas e as relações de vinculação estabelecidas precocemente com as principais figuras de cuidado, passar-se-á a expor a prevalência dos padrões de vinculação no contexto das relações íntimas.

2.2. Prevalência dos padrões de vinculação no contexto das relações íntimas. A pluralidade dos trabalhos direcionados à avaliação da forma como os indivíduos se percebem nas suas relações com os outros, e no estabelecimento, manutenção e qualidade das relações íntimas pode ser concetualizada em três abordagens distintas: categorial ou tipológica, dimensional e prototípica (Fralely & Spieker, 2003). Hazan e Shaver (1987) ao concetualizarem as relações íntimas como relações de vinculação, construíram um questionário de autorrelato tripartido assente numa avaliação categorial ou tipológica da vinculação, em que o indivíduo deve indicar o quanto se revê em três descritores dos seus sentimentos e pensamentos relativamente às suas relações íntimas. Daqui derivam três padrões de relacionamento amoroso baseado nos padrões de vinculação definidos por Ainsworth e colaboradores (1978): seguro, inseguro-ambivalente/ansioso e inseguro-evitante. Assim, os indivíduos considerados Seguros apresentavam relações mais duradouras e caracterizavam-nas como felizes, de confiança, de amizade, de aceitação e apoio. Nos indivíduos avaliados como Evitantes, o medo da intimidade assume maior relevância na caracterização das suas relações. Já nos indivíduos classificados como Ambivalentes/ansiosos, ao amor associam-se preocupações obsessivas relativamente à percepção de perda e abandono, contrabalançado com o desejo de posse e fusão com o outro. Num dos estudos de Hazan e Shaver (1987) as distribuições encontradas pelos diferentes estilos de vinculação foram as seguintes: a maioria dos indivíduos foram avaliados como pertencendo ao estilo de vinculação seguro (56%), seguido do estilo evitante (25%) e do estilo ambivalente/ansioso (19%).

Na abordagem dimensional, subjaz uma avaliação contínua da vinculação, por exemplo através da *Adult Attachment Scale* e *Adult Attachment Scale Revised* (Collins & Read, 1990). Já numa abordagem prototípica, que procura conciliar as propostas categoriais e contínuas, Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) desenvolveu um modelo bidimensional de vinculação que se organiza em torno da positividade e negatividade de duas dimensões latentes: o modelo de si próprio e dos outros. Da combinação destas duas dimensões resultam quatro padrões de vinculação: seguro, preocupado, desligado e amedrontado. Assim, indivíduos com um padrão Seguro (modelo positivo acerca de si próprio e dos outros) são caracterizados pela valorização das relações íntimas, pela capacidade de manter relações íntimas sem perda da autonomia pessoal e, ainda, por uma aproximação positiva face aos outros. Os indivíduos classificados no padrão Desligado (modelo positivo acerca de si próprio e negativo acerca do outro) são caracterizados pela desvalorização dos relacionamentos íntimos, evitamento da intimidade, elevada autoconfiança e ênfase na independência e na autodeterminação. A classificação Preocupado (modelo negativo acerca de si próprio e positivo acerca do outro) caracteriza-se por um hiper-envolvimento nas relações íntimas, pela tendência a idealizar o outro, e pela elevada dependência do bem-estar pessoal em função de ser aceite pelos outros. Por último, no padrão Amedrontado (modelo negativo tanto acerca do *self* como dos outros) existe um evitamento das relações íntimas devido ao medo de ser rejeitado, coexistindo um sentimento de insegurança pessoal e desconfiança dos outros. Os indivíduos desenvolvem predominantemente um destes estilos de vinculação nas suas relações íntimas, no entanto, estes mesmos autores alertam para o facto de os indivíduos poderem apresentar também características dos restantes estilos de vinculação (Bartholomew & Horowitz, 1991). Num dos seus estudos, Bartholomew e Horowitz (1991) numa amostra constituída por estudantes universitários, encontraram a seguinte distribuição dos quatro padrões de vinculação: 47% dos sujeitos foram classificados como seguros, 21% como amedrontados, 18% como desligados e 14% como preocupados. Contudo, ao contrário do que se verificou no estudo de Hazan e Shaver (1987) e Feeney e Noller (1990), neste estudo de Bartholomew e Horowitz (1991) a maioria dos sujeitos (53%) foram classificados como tendo um padrão de vinculação inseguro.

Investigações levadas a cabo por Brennan, Clark e Shaver (1998) concluíram que tanto os estilos de vinculação definidos por Hazan e Shaver (1987) como os apresentados por Bartholomew e Horowitz (1991) podiam ser concetualizados em função de duas dimensões: o *evitamento da proximidade* e a *ansiedade sobre o abandono*. Assim, ao realizarem uma análise fatorial de um vasto conjunto de itens usados na avaliação de estilos de vinculação na idade adulta, emergiram dois fatores importantes: 1) o *evitamento*, que envolve relatos relacionados com a dificuldade e desconforto com a proximidade, excessiva necessidade de independência e relutância em falar sobre si e 2) a *ansiedade*, que envolve medo da rejeição ou abandono, preocupação excessiva acerca da disponibilidade do parceiro e da sua aceitação, e um desejo intenso, apesar de sempre insatisfeito de proximidade. Deste modo, considerando as diferenças individuais em termos de vinculação, indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro apresentam baixos níveis de evitamento e ansiedade: confiam no outro e

vivem as suas relações íntimas de forma positiva; indivíduos com um estilo de vinculação íntima preocupado (ansioso-ambivalente) apresentam elevados níveis de ansiedade e baixos níveis de evitamento: apresentam simultaneamente desejo de intimidade e dependência, e preocupação com a rejeição; indivíduos com um estilo de vinculação íntima desligado (evitante-desligado) são caracterizados por elevados níveis de evitamento e baixos níveis de ansiedade: revelando tendência a desvalorizar as relações íntimas e a valorizar a independência; por último, valores elevados nas duas dimensões de vinculação caracterizam os indivíduos com um estilo de vinculação íntima medroso (evitante-medroso): apesar de desejarem uma relação íntima e a aprovação dos outros tendem a evitar a intimidade por medo de rejeição (Bartholomew & Shaver, 1998).

Na atualidade verifica-se um predomínio do modelo bidimensional na investigação acerca da vinculação em adultos, onde o evitamento e a ansiedade representam duas dimensões importantes na conceitualização das diferenças individuais nos estilos de vinculação (Brennan et al., 1998; Shaver & Mikulincer, 2009). Em território nacional têm-se verificado que os homens apresentam maiores níveis de evitamento nas suas relações íntimas do que as mulheres (e.g., Assunção, 2009; Catarino et al., 2010). Para além disto, Colaço (2009) num estudo com jovens adultos encontrou que os homens tendem a apresentar níveis mais elevados de evitamento e as mulheres a apresentar níveis mais elevados de ansiedade nas relações íntimas. Pese embora tenham sido encontrados alguns estudos que revelaram associações entre o género e as dimensões referidas anteriormente, apenas foi encontrado um estudo que envolvesse o género com os diferentes estilos de vinculação íntima, o qual não encontrou diferenças de género ao nível do estilo de vinculação íntima (Colaço, 2009). Salientando o facto de terem sido encontrados poucos estudos que se debruçassem sobre esta temática, parece evidente a carência de estudos nesta área e a necessidade de uma maior atenção por parte dos investigadores.

3. Divórcio parental, conflito interparental e as consequências nos jovens adultos

A família exerce um papel fundamental na transmissão de valores, crenças e modelos, constituindo assim, um contexto importante para o desenvolvimento do indivíduo. Deste modo, a família parece então representar um contexto privilegiado para o desenvolvimento sócio-afetivo do indivíduo, pois, é através das aprendizagens adquiridas e das experiências vivenciadas no seu seio, que o indivíduo vai adquirir (ou não) competências para lidar com o mundo (Morgado, 2010).

Ao longo do tempo, o conceito de família tem sofrido várias transformações no que toca aos seus valores, modelos e funções (Pires, 2005), sendo as experiências a que expõem os seus descendentes consequentemente afetadas. Um acontecimento que contribui para este último facto é o divórcio³, um acontecimento cada vez mais comum nas sociedades ocidentais. Em Portugal, tem se assistido a um

³ De acordo com a definição de Menezes (1990, p. 78) o divórcio institui uma “forma radical de transformação do sistema familiar na sequência de uma situação de crise que a família não consegue resolver [...] a situação de divórcio é uma sequência de acontecimentos que implicam uma transição na vida dos pais e dos filhos num contexto de crise que geralmente só estabilizará após 1-2 anos”.

aumento gradual da taxa de divórcio nas últimas décadas. Os dados mais recentes de 2010 situam a taxa de divorcialidade portuguesa em 2.6%, que corresponde a 27 556 divórcios, mais 8 254 divórcios do que aqueles que se verificaram no ano de 2000 (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2001, 2010). Estes valores parecem refletir a evolução da taxa de divórcio nos últimos anos, no entanto, estes dados não incluem as situações não registadas juridicamente (e.g., separações de casais que vivem em união de facto) que fariam subir os valores apresentados. Os dados apresentados, refletem ainda um aumento do número de famílias monoparentais, estruturadas essencialmente em torno da mãe, nas quais o subsistema conjugal é inexistente (Pires, 2005). Tais acontecimentos implicam mudanças na estrutura, papéis e relações entre os diferentes constituintes da família, originando deste modo, um conjunto de mudanças no funcionamento familiar. De acordo com a literatura, as características específicas da família de origem, constituem-se como um dos fatores mais importantes que pode predizer a qualidade das relações íntimas nos jovens adultos (Conger, Cui, Bryant, & Elder, 2000). Isto parece sugerir que o divórcio parental e o conflito interparental⁴ podem constituir dois fatores com um impacto importante nas relações íntimas dos jovens adultos, descendentes das famílias com este tipo de características. Como referido anteriormente, segundo a Teoria da Vinculação de Bowlby (1969), os indivíduos ao longo do tempo vão internalizando as experiências com os prestadores de cuidados, através da formação dos modelos internos dinâmicos, que organizam a experiência sob a forma de representações generalizadas acerca do *self*, das figuras de vinculação e das relações (Soares, 2000). Neste sentido, acontecimentos de vida negativos, como por exemplo, o divórcio e o conflito interparental, podem proporcionar alterações nesses mesmos modelos internos dinâmicos, a partir das suas (novas) experiências de interação com os prestadores de cuidados, que tendem a moldar as relações futuras (Moura & Matos, 2008), afetando a forma como percebem e se comportam nas suas próprias relações íntimas. De facto, o conflito afeta de modo negativo não só a vinculação da criança aos pais, mas também os subsequentes sentimentos de segurança nas relações (Davies & Cummings, 1994).

De acordo com a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura (1983) grande parte do repertório comportamental do indivíduo pode ser aprendido através da observação do comportamento das outras pessoas (modelos) e das suas respetivas consequências. Deste modo, através da observação das interações entre os seus pais, os indivíduos podem modelar o seu comportamento nas suas relações íntimas (Cui & Fincham, 2010). Por um lado, isto sugere que, a observação do divórcio dos progenitores pode modelar não só as atitudes em relação ao divórcio, mas também o envolvimento nas relações íntimas do jovem adulto (Cui, Fincham, & Durtschi, 2010). Por outro lado, sugere ainda que os indivíduos podem aprender um conjunto de comportamentos conflituosos, através da observação da interação conflituosa entre os seus pais, e mais tarde modelar estes mesmos comportamentos nos seus próprios relacionamentos íntimos (Cui & Fincham, 2010). No entanto, ambas as teorias mencionadas

⁴ De acordo com Grych e Fincham (1990) o conflito interparental é conceptualizado como um comportamento oposicional entre as figuras parentais, atuando como um *stressor*, que leva aos descendentes destas famílias a tentar perceber e lidar com o conflito.

parecem sugerir que nem o divórcio parental nem o conflito interparental afetam de forma uniforme o jovem adulto e as suas relações. Westervelt e Vanderberg (1997) avaliaram a capacidade para a intimidade em jovens adultos provenientes de famílias com pais divorciados e não divorciados, e os resultados mostraram que o estado civil dos pais não estava significativamente associado com problemas de intimidade. Contudo, o conflito nas relações parentais apontou para dificuldades com a intimidade nos jovens adultos. Todavia, num outro estudo, o estado civil dos pais e o conflito interparental mostraram ter um impacto semelhante nos relacionamentos do jovem adulto, mas através de mecanismos diferentes. Assim, enquanto o conflito entre as figuras parentais foi associado a baixos níveis de qualidade das relações íntimas dos jovens adultos, devido aos seus comportamentos conflituosos com o parceiro, o divórcio parental foi associado a baixos níveis de qualidade das relações íntimas devido a apresentarem uma atitude mais positiva em relação ao divórcio e falta de envolvimento nas suas próprias relações (Cui & Fincham, 2010). No mesmo sentido, Cui e colaboradores (2010) no seu estudo encontraram que jovens adultos provenientes de famílias com pais divorciados evidenciaram uma atitude mais favorável em relação ao divórcio. Esta atitude foi associada com um baixo envolvimento nos seus relacionamentos íntimos. Para além disto, a perceção evidenciada em relação ao divórcio parental variou consoante a existência de conflito interparental e a qualidade marital antes do divórcio. Assim, as consequências do divórcio parecem também depender da forma como os pais gerem esta situação, já que o facto de existirem (ou não) conflitos interparentais parece influenciar a adaptação do jovem face ao divórcio parental (Mota & Matos, 2008). Deste modo, quando o divórcio significa uma diminuição do constrangimento familiar e um aumento da harmonia, os resultados dos jovens provenientes de famílias divorciadas podem ser mais satisfatórios sob o ponto de vista do seu bem-estar, quando comparados com jovens provenientes de famílias não divorciadas mas com elevado conflito (Amato & Sobolewski, 2001).

Todavia, o divórcio parental aparece implicado na adaptação relacional dos jovens adultos na medida em que pode constituir uma de entre as inúmeras experiências significativas ao longo da história desenvolvimental que poderão condicionar a perceção que o indivíduo tem de si e do mundo (Woodward, Fergusson, & Belsky, 2000). A investigação tem evidenciado que o estudo dos relacionamentos íntimos dos jovens adultos pode ser melhor entendido à luz da teoria da transmissão intergeracional do divórcio, que sugere que se a adaptação ao divórcio parental não for bem sucedida, os jovens descendentes podem apresentar mais dificuldades relacionais, que podem ocasionar numa separação nos seus próprios relacionamentos (Rollie & Duck, 2006). Assim, de acordo com a perspetiva desta teoria, a maioria dos estudos têm evidenciado que jovens adultos descendentes de pais divorciados possuem um risco maior de ter dificuldades conjugais e um risco maior de divórcio, do que descendentes de pais não divorciados (e.g., Amato, 1996; Amato & Booth, 1997).

A propensão que os descendentes de pais divorciados parecem possuir para se divorciarem (Gabardi & Rosen, 1992) convida-nos a explorar que potenciais dificuldades relacionais estarão por detrás desta tendência (Sobral, Almeida, & Costa, 2010). Debruçando-nos especificamente sobre a

temática da vinculação, a literatura não é unânime no que respeita aos efeitos nefastos do divórcio parental. De facto, existem alguns estudos que não verificam relações (ou diferenças) entre filhos de pais divorciados e não divorciados e o tipo de vinculação íntima dos indivíduos (Schulman, Scharf, Lumer, & Maurer, 2001; Meyers, 2007; Sobral et al., 2010), todavia existem outros estudos que verificam diferenças a este nível. Neste âmbito, num estudo de Rowland (2006) com jovens adultos, os resultados indicaram que divórcio dos pais tem um impacto negativo sobre as crenças românticas, as atitudes em relação ao casamento e ao divórcio, e a vinculação ao parceiro romântico. Assim, indivíduos descendentes de pais divorciados relataram atitudes menos positivas em relação ao casamento e uma maior abertura em relação ao divórcio, menos crenças românticas idealizadas, um padrão de vinculação íntimo mais amedrontado e revelaram uma menor probabilidade de casamento com o seu parceiro atual.

No que toca ao conflito interparental a literatura parece ser mais consensual, na medida em que a investigação tem evidenciado um impacto negativo nos relacionamentos dos jovens adultos descendentes deste tipo de famílias (Riggio, 2004; Cui & Fincham, 2010). Especificamente não foram encontrados estudos que abordassem a temática da vinculação íntima e do conflito interparental, mas importa destacar os resultados de um estudo realizado em Portugal com adolescentes, que apontaram para o facto de o divórcio afetar o relacionamento do jovem com a figura paterna e o conflito interparental como variável preditora da vinculação aos pais, afetando a qualidade do laço emocional relativamente a ambas as figuras parentais (Moura & Matos, 2008). Assim, tendo em conta que Bowlby (1969) conceitualizou as relações precoces com a(s) figura(s) de vinculação como prototípicas das relações íntimas estabelecidas na idade adulta, e que acontecimentos de vida negativos como o divórcio parental e/ou conflito interparental podem afetar/alterar os modelos internos dinâmicos, e consequentemente a vinculação estabelecida com os pais, é possível que afetem também o estilo de vinculação íntima futuramente estabelecida com o parceiro romântico.

Parece claro que as experiências a que o indivíduo é submetido no seio da sua família, como a experiência do divórcio ou do conflito interparental, podem ter repercussões não só no bem-estar do jovem adulto mas também no modo como interage nas suas relações íntimas, e em última instância no tipo de vinculação que estabelece com o parceiro romântico. Contudo, em Portugal, as investigações a este nível, parecem revelar-se ainda muito escassas sobressaído a importância de explorar estes aspetos.

Capítulo II – Estudo Empírico

1. Metodologia

1.1. Objetivos do Estudo. A presente investigação tem como objetivo principal avaliar a existência de associações entre as relações familiares e o estilo de vinculação íntima dos jovens adultos. Conta ainda com 8 objetivos específicos a serem cumpridos: 1) avaliar a prevalência dos diferentes estilos de vinculação íntima (*Seguro, Medroso, Preocupado e Desligado*) em jovens adultos; 2) aferir a existência de relações entre participantes do sexo feminino e do sexo masculino e o seu estilo de vinculação íntima (seguros vs inseguros); 3) verificar a existência de diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino ao nível do *evitamento da proximidade e ansiedade relativa ao abandono* nas suas relações de vinculação íntimas; 4) avaliar a existência de diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e inseguro ao nível das dimensões da representação da vinculação ao pai e à mãe; 5) aferir a existência de relações entre indivíduos seguros e inseguros na relação de vinculação íntima e a estrutura familiar (famílias intactas vs famílias divorciadas); 6) avaliar diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e inseguro ao nível das dimensões do conflito interparental; 7) avaliar diferenças entre indivíduos seguros e inseguros na relação de vinculação íntima ao nível de vários índices de perturbação psicopatológica e 8) verificar se a perturbação emocional se encontra associada ao estilo de vinculação (seguros vs inseguros) estabelecido com o parceiro romântico.

As hipóteses a serem testadas no presente estudo referem-se aos objetivos anteriores e são as seguintes:

H₁: O sexo dos participantes está associado ao estilo de vinculação íntima.

H₂: Há diferenças entre indivíduos do sexo feminino e indivíduos do sexo masculino ao nível do *evitamento da proximidade e ansiedade relativa ao abandono* nas suas relações de vinculação íntimas.

H₃: Há diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro ao nível das dimensões da representação de vinculação ao pai.

H₄: Há diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro ao nível das dimensões da representação de vinculação à mãe.

H₅: O estilo de vinculação íntima está associado à estrutura familiar.

H₆: Há diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro ao nível das dimensões do conflito interparental.

H₇: Há diferenças entre indivíduos seguros e inseguros na relação de vinculação íntima ao nível das várias dimensões de psicopatologia do BSI.

H₈: Há diferenças entre indivíduos seguros e inseguros na relação de vinculação íntima ao nível dos vários Índices Gerais do BSI.

H₉: O estilo de vinculação íntima está associado à presença/ausência de perturbação emocional.

1.2. Participantes. Inicialmente a amostra era constituída por 323 participantes estudantes universitários, todavia 23 (7.1%) participantes foram excluídos por não cumprirem o critério de inclusão relativamente à presença de pelo menos uma relação íntima (i.e. não apresentavam atualmente ou no passado relação íntima). Para além disto, foram apenas incluídos no estudo indivíduos solteiros. Assim, a amostra passou a ser constituída por 300 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, com uma média de 20.8 ($DP = 2.4$), sendo 191 (63.7%) participantes do sexo feminino e 109 (36.3%) do sexo masculino. Quanto ao nível socioeconómico (NSE) dos participantes, que foi calculado com base na profissão dos seus pais, dos 286 participantes que responderam 25 (8.3%) possuem um NSE alto, 48 (16%) participantes possuem um NSE médio-alto, 48 (16%) participantes possuem um NSE médio, 80 (26.7%) participantes possuem um NSE médio-baixo e 85 (28.3%) participantes possuem um NSE baixo.

Relativamente à caracterização da relação íntima em termos de existência atual, 164 (54.7%) participantes mantêm uma relação íntima atual e 136 (45.3%) não mantêm atualmente nenhuma relação íntima, mas apresentavam este tipo de relacionamento no passado. Dos participantes que se encontravam no momento da recolha dos dados numa relação íntima, 19 (6.3%) participantes referem que o tempo de duração desta última se encontra entre 1 a 6 meses, 17 (5.7%) participantes referem que o tempo de duração da sua relação atual se encontra entre 6 meses e 1 ano, 109 (36.3%) participantes referem que se encontra entre 1 ano e 5 anos e 19 (6.3%) participantes referem que a sua relação íntima atual já dura há mais de 5 anos. Quanto ao tempo de duração da relação íntima mais longa, 50 (16.7%) participantes referem que a sua relação íntima mais duradoura se encontra entre 1 a 6 meses, 60 (20.0%) participantes referem que se encontra entre 6 meses e 1 ano, 169 (56.3%) participantes referem que se encontra entre 1 ano e 5 anos e 21 (7.0%) participantes referem que a sua relação íntima mais duradoura se verifica há mais de 5 anos.

Relativamente à estrutura familiar, verifica-se que 244 (81.3%) participantes são provenientes de famílias cujos pais se encontram casados, 44 (14.7%) participantes são provenientes de famílias divorciadas ou separadas, 10 (3.3%) participantes são provenientes de famílias cujo pai ou mãe se encontra viúvo(a), 1 (0.3%) participante é proveniente de uma família que vive em união de facto e 1 (0.3%) participante é descendente de pais que nunca tiveram qualquer tipo de relação. Dos participantes provenientes de famílias divorciadas apenas 7 (2.3%) referiram que os pais se voltaram a casar. A idade dos participantes no momento do divórcio dos pais varia entre os 0 e os 228 meses, com uma média de 134 meses ($DP = 73.90$).

Tabela 1. Descrição Sociodemográfica da Amostra do Estudo

	<i>n</i>	%
Sexo (n = 300)		
Feminino	191	63.7
Masculino	109	36.3
NSE (n =286)		
Alto	25	8.3
Médio-alto	48	16.0
Médio	48	16.0
Médio-baixo	80	26.7
Baixo	85	28.3
Situação Amorosa (n = 300)		
Presença de relação atual	164	54.7
Ausência de relação atual	136	45.3
Duração da relação amorosa mais longa (atual ou no passado) (n = 300)		
1 a 6 meses	50	16.7
6 meses a 1 ano	60	20.0
De 1 a 5 anos	169	56.3
Mais de 5 anos	21	7.0
Estrutura Familiar (n = 300)		
Casamento	244	81.3
União de facto	1	0.3
Divórcio/Separação	44	14.7
Viuvez	10	3.3
Nenhuma Relação	1	0.3

1.3. Instrumentos. Os instrumentos selecionados e administrados para o presente estudo passam a ser apresentados e descritos de seguida.

Questionário Sociodemográfico. Foi construído para recolher informação relativa aos dados sociodemográficas de cada participante, preservando o princípio da confidencialidade e anonimato. Este questionário recolheu informação sobre: o sexo, a idade, o número de irmãos, o nível socioeconómico, as relações íntimas (e.g., já alguma vez namorou?; tempo da relação mais duradoura; atualmente namora? e duração da relação atual), o estado civil dos pais, a idade dos participantes no momento do divórcio dos pais e o recasamento dos pais (estes dois últimos itens eram aplicados apenas a participantes cujos pais se encontravam divorciados ou separados).

Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM - versão revista; Matos & Costa, 2001). É um instrumento de autorrelato desenvolvido em Portugal, que se destina a avaliar as representações de vinculação que os adolescentes e jovens adultos possuem relativamente a cada uma das suas figuras parentais. A construção deste instrumento teve como base a Teoria da Vinculação de Bowlby (1973; 1980) e Ainsworth (1989) e o modelo prototípico da vinculação de Bartholomew (Bartholomew &

Horowitz, 1991). O QVPM é composto por 30 itens, com um formato de resposta tipo Lickert de 6 pontos, que oscila entre 1 (*Discordo totalmente*) e 6 (*Concordo totalmente*), em que as representações de vinculação ao pai e à mãe são avaliadas separadamente. Os itens deste questionário organizam-se em torno de três dimensões: *Inibição da Exploração e Individualidade (IEI)*, *Qualidade do Laço Emocional (QLE)* e *Ansiedade de Separação e Dependência (ASD)*. Cada uma destas três dimensões é composta por dez itens. A dimensão *Inibição da Exploração e Individualidade* pretende avaliar a percepção de restrições à expressão da individualidade própria imposta pelos pais, ou seja, procura avaliar a percepção que os participantes possuem em relação aos pais no que toca à intrusão e inibição da autonomia e diferenciação psicológica. A dimensão *Qualidade do Laço Emocional* pretende avaliar a importância da figura parental enquanto figura de vinculação, percebida como fundamental e única no desenvolvimento do indivíduo, a quem este recorrerá em situações de dificuldade, e com quem projeta uma relação duradoura, ou seja, pretende avaliar a experiência de proximidade emocional e a relação de apoio estabelecida com os pais. A dimensão *Ansiedade de Separação e Dependência* pretende avaliar a presença de uma experiência de ansiedade e de medo da separação ou abandono da figura de vinculação, reveladora de uma relação de dependência. No que toca às qualidades psicométricas, estas têm sido testadas com várias amostras independentes, tendo apresentado indicadores de validade e fiabilidade adequados (Matos & Costa, 2004). Neste estudo, relativamente à consistência interna, as três escalas apresentaram valores de *alpha de cronbach bastante aceitáveis*. Na versão pai a escala ASD apresentou um $\alpha = .85$, a escala IEI um $\alpha = .84$ e a escala QLE um $\alpha = .92$. Na versão mãe a escala ASD apresentou um $\alpha = .84$, a escala IEI um $\alpha = .85$ e a escala QLE um $\alpha = .91$.

Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC) (Grych, Seid, & Fincham, 1992; versão portuguesa: Moura, Santos, & Matos, 2010). É um instrumento de autorrelato que tem como objetivo avaliar a percepção que as crianças e os jovens possuem relativamente ao conflito entre as figuras parentais. O CPIC tem por base a teoria cognitivo-comportamental desenvolvida por Grych e Fincham (1990), que procura compreender a relação entre o conflito interparental e o ajustamento dos filhos. Assim, este instrumento foi inicialmente composto por quarenta e nove itens, e atualmente é composto por quarenta e oito itens organizados em nove subescalas: *Frequência*, *Intensidade*, *Resolução*, *Conteúdo*, *Percepção de Ameaça*, *Eficácia*, *Culpa*, *Triangulação* e *Estabilidade*. Cada item utiliza uma escala tipo Lickert, com seis opções de resposta, que vão desde “*Discordo totalmente*” a “*Concordo totalmente*”. Após análises exploratória e confirmatória, e ainda de consistência interna, Grych e colaboradores (1992), optaram por reorganizar estas nove subescalas em três dimensões: *Propriedades do Conflito* (composta pelas subescalas *Frequência*, *Intensidade* e *Resolução*), *Culpa* (composta pelas subescalas *Conteúdo* e *Culpa*) e *Ameaça* (composta pelas subescalas *Percepção de Ameaça* e *Eficácia*). Nesta reorganização foram eliminadas as subescalas *Estabilidade* e *Triangulação*, visto que os itens não saturavam de forma consistente em nenhum dos três fatores teoricamente concebidos. Neste estudo, foi adotada esta reorganização das sete subescalas em três dimensões

propostas pelos autores. Assim, a dimensão *Propriedade do Conflito* pretende avaliar a percepção que os indivíduos possuem relativamente a uma forma destrutiva de conflito parental. A dimensão *Ameaça* tem como objetivo avaliar a percepção de ameaça e de medo desencadeado pelo conflito entre os pais, associado a um sentimento de incompetência pessoal para lidar com esse mesmo conflito. A dimensão *Culpa* procura avaliar a percepção dos indivíduos para se autoculpabilizarem pelo conflito entre as figuras parentais.

De acordo com estudos realizados na população portuguesa, a estrutura fatorial da escala utilizada no modelo de Grych e colaboradores (1992) apresentou qualidades psicométricas adequadas em amostras de adolescentes e jovens adultos (Moura, Santos, & Matos, 2006). Neste estudo, a dimensão *Propriedades do Conflito* apresentou valores elevados de consistência interna ($\alpha = .93$), seguida da dimensão *Ameaça* ($\alpha = .79$) e da dimensão *Culpa* ($\alpha = .74$).

Experiences in Close Relationships (ECR; Brennan et al., 1998; versão portuguesa: Santos & Apóstolo, 1999). Instrumento de autorrelato desenvolvido com o objetivo de avaliar a vinculação das relações íntimas na vida adulta, com base em duas dimensões provavelmente presentes neste tipo de relacionamentos: o *evitamento da proximidade* e a *ansiedade relativa ao abandono*. As instruções fornecidas ao participantes referem que estes devem basear as suas respostas naquilo que geralmente sentem nas suas relações amorosas, e não apenas naquilo que acontece na relação *presente*, permitindo que indivíduos que não se encontrem numa relação no momento do preenchimento do questionário forneçam respostas válidas. O ECR é composto por 36 itens, com um formato de resposta tipo Lickert de 7 pontos, que vão desde “Completamente em desacordo” até “Completamente de acordo”. Este instrumento é composto por duas dimensões: o *evitamento* e a *ansiedade*. A dimensão *evitamento da proximidade* (composta pelos itens ímpares) envolve medo da dependência e da intimidade, uma excessiva necessidade de independência e relutância em falar sobre si próprio. A dimensão *ansiedade relativa ao abandono* (composta pelos itens pares) envolve medo da rejeição ou abandono, uma excessiva necessidade de aprovação dos outros e angústia quando o parceiro não se encontra disponível. A cotação do questionário realiza-se calculando a média dos itens que compõem cada uma das dimensões. Assim, indivíduos com pontuações elevadas numa ou nas duas dimensões possuem uma vinculação *insegura* nas suas relações íntimas. Em contraste, indivíduos com baixas pontuações nas dimensões *ansiedade* e *evitamento* apresentam uma vinculação *segura* nas suas relações íntimas (Brennan et al, 1998). Do cruzamento das duas dimensões referidas, o *evitamento da proximidade* e a *ansiedade relativa ao abandono*, resultam quatro estilos de vinculação íntima: *Seguro*, *Medroso*, *Preocupado* e *Desligado*. Assim, será atribuído ao indivíduo o estilo de vinculação íntima na qual obtiver pontuação mais elevada.

No presente estudo, os valores de *alpha de cronbach* apresentados nas duas dimensões, sugerem uma elevada consistência interna: .92 para o *evitamento da proximidade* e .88 para a *ansiedade relativa ao abandono*.

Brief Symptom Inventory (BSI). Este Instrumento foi desenvolvido por Derogatis (1982) e adaptado para português por Canavarro (1999). O BSI é um instrumento de autorrelato, composto por 53 itens, que avaliam a presença de sintomas psicopatológicos em termos de 9 dimensões: *Somatização* (reflete o mal-estar proveniente da percepção do funcionamento somático), *Obsessões-Compulsões* (inclui cognições, impulsos e comportamentos experienciados como persistentes, irresistíveis, egodistônicos e de natureza indesejada), *Sensibilidade Interpessoal* (centra-se nos sentimentos de inadequação pessoal, inferioridade, particularmente na comparação com outras pessoas), *Depressão* (refletem os indicadores de depressão clínica, que representam os sintomas de afeto e humor disfórico, perda de energia, falta de motivação e interesse pela vida), *Ansiedade* (incluídos indicadores gerais como nervosismo e tensão, bem como sintomas de ansiedade generalizada e pânico, e correlatos somáticos de ansiedade), *Hostilidade* (inclui pensamentos, emoções e comportamentos característicos do estado afetivo negativo da cólera), *Ansiedade Fóbica* (é definida como um medo persistente que sendo irracional e desproporcionado em relação ao estímulo, leva a um comportamento de evitamento), *Ideação Paranóide* (inclui o pensamento projetivo, hostilidade, suspeição, grandiosidade, egocentrismo, medo da perda de autonomia e delírios) e *Psicoticismo* (abrange itens indicadores de isolamento e de estilo de vida esquizoide, bem como sintomas primários de esquizofrenia como alucinações e controlo do pensamento). É solicitado aos participantes que indiquem o grau em que cada um dos sintomas psicopatológicos os afetou durante a última semana, de acordo com uma escala tipo Lickert de 5 pontos, que oscila entre 0 (*Nunca*) e 4 (*Muitíssimas vezes*).

Para além das 9 dimensões de sintomatologia referidas, é também possível o cálculo de 3 índices globais: o *Índice Geral de Sintomas* (IGS) que representa a intensidade do mal-estar experienciado, o *Índice de Sintomas Positivos* (ISP) que indica a média da intensidade de todos os sintomas assinalados e o *Total de Sintomas Positivos* (TSP) que representa o total de queixas sintomáticas assinaladas. Teoricamente, existe a possibilidade de um indivíduo apresentar um ISP baixo, que indica que os sintomas assinalados não são particularmente intensos, e possuir um TSP elevado, que aponta para uma constelação complexa de sintomatologia (Canavarro, 1999). Apesar deste instrumento não permitir a formulação de um diagnóstico clínico, avalia o tipo de sintomatologia que mais perturba o indivíduo. Para além disto, existe ainda um ponto de corte que permite a distinção entre indivíduos perturbados emocionalmente e indivíduos não perturbados emocionalmente, envolvendo o ISP (ISP \geq 1.7 indicador de perturbação emocional). De acordo com os estudos psicométricos realizados na população portuguesa (Canavarro, 1999), o instrumento apresenta níveis adequados de consistência interna (valores de *alpha de Cronbach* entre .70 e .80, com exceção das escalas *Ansiedade Fóbica* e *Psicoticismo*, ambas com valores de $\alpha = .62$), possuindo ainda uma boa estabilidade temporal. De forma semelhante, no presente estudo, os valores de *alpha de cronbach* apresentados nas nove dimensões revelaram níveis adequados de consistência interna: valores de *alpha* entre .70 e .85.

1.4. Procedimento. O processo de recolha de dados foi realizado na Universidade do Minho e iniciou-se com o contacto via e-mail com os Diretores de Curso, no sentido de solicitar a autorização destes últimos para a aplicação dos questionários do estudo nas aulas. Após esta autorização foram contactados os respetivos Docentes para aplicação dos questionários numa das suas aulas. Depois de obtido o consentimento destes últimos, foi então realizada a recolha de dados durante cerca de 20 minutos, ora no início, ora no final da aula, de acordo com a indicação e preferência dos Docentes. Antes da entrega dos questionários aos participantes procedeu-se à apresentação do estudo, referindo os objetivos gerais da investigação, o carácter voluntário da colaboração e assegurando a confidencialidade e anonimato da participação. Foi utilizado o método direto, uma vez que, os questionários foram entregues diretamente aos participantes, preenchidos e entregues no momento. O protocolo que englobava os instrumentos previamente referidos foram distribuídos junto de 323 jovens adultos, todos estudantes na Universidade do Minho. Contudo, como já foi referido anteriormente 23 (7.1%) participantes foram excluídos por não cumprirem o critério de inclusão relativamente à existência de pelo menos uma relação íntima passada ou atual.

1.5. Análise Estatística. O tratamento e análises estatísticas dos dados foram realizadas através do programa IBM SPSS (versão 19.0 para o Windows) e inclui vários procedimentos que serão explicitados na apresentação dos resultados.

Antes de proceder à apresentação dos resultados, importa referir que foi realizada uma Análise Exploratória dos Dados, de modo a verificar o cumprimento dos pressupostos inerentes à aplicação dos testes paramétricos. Contudo, verificou-se que a maior parte das variáveis intervalares não apresentavam uma distribuição normal, e que nenhuma das modificações possíveis destas variáveis conseguiu ultrapassar esta dificuldade. Deste modo, para todas as análises efetuadas testamos as diferenças usando o teste paramétrico e o teste não paramétrico, seguindo-se assim a indicação de Fife-Schaw (2006). Já que os resultados comparativos dos testes foram concordantes em todos os casos, optou-se por apresentar os resultados dos testes paramétricos, visto que estes são mais robustos e possibilitam o uso de análises multivariadas, que por sua vez reduzem a probabilidade de erros do Tipo I.

Importa ainda mencionar que o número de participantes considerados em cada análise de dados efetuada é variável, devido ao facto de alguns participantes não terem respondido a parte ou a alguns dos instrumentos de avaliação relativos a cada análise.

De seguida são então apresentados os resultados do estudo.

2. Apresentação dos Resultados

2.1. Relações de Vinculação Íntimas.

2.1.1. A Prevalência dos Estilos de Vinculação Íntima. Dos 282 participantes, 132 (46.8%) apresentaram um estilo de vinculação íntima preocupado, 104 (36.9%) participantes apresentaram um estilo de vinculação íntima seguro, 42 (14.9%) participantes apresentaram um estilo de vinculação íntima medroso e 4 (1.4%) apresentaram um estilo de vinculação íntima desligado (Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição dos Participantes pelos Diferentes Estilos de Vinculação Íntima

	<i>n</i>	%
Estilo de Vinculação Íntima		
Seguro	104	36.9
Preocupado	132	46.8
Medroso	42	14.9
Desligado	4	1.4
Total	282	100

Tendo em conta que indivíduos classificados com um estilo de vinculação íntima Medroso, Preocupado ou Desligado podem ser considerados como tendo uma vinculação *insegura*, neste estudo os três estilos de vinculação referidos foram agrupados numa mesma categoria: indivíduos *inseguros*. Assim, dos 282 participantes, 178 (63.1%) foram classificados como tendo um estilo de vinculação íntima inseguro e 104 (36.9%) participantes foram classificadas como tendo um estilo de vinculação íntima seguro (Tabela 3).

Tabela 3. Distribuição dos Participantes pelos Estilos de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro

	<i>n</i>	%
Estilo de Vinculação Íntima		
Inseguro	178	63.1
Seguro	104	36.9
Total	282	100

As subseqüentes análises de dados do presente estudo irão considerar este agrupamento dos estilos de vinculação íntima: indivíduos seguros vs indivíduos inseguros.

2.1.2. O Estilo de Vinculação Íntima no Sexo Feminino e no Sexo Masculino. Pretendemos nesta fase aferir a existência de relações entre o género dos participantes e o seu estilo de vinculação estabelecido com o parceiro romântico, recorrendo-se para tal ao teste de Qui-Quadrado (χ^2). Este teste revelou que não existe associação entre indivíduos do sexo feminino e indivíduos do sexo masculino e o seu estilo de vinculação íntima, $\chi^2(1) = 1.41, p = .24$.

Tabela 4. Medidas Descritivas dos Estilos de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro para os Participantes do Sexo Masculino e do Sexo Feminino (Teste de Qui-quadrado)

	Sexo masculino		Sexo feminino		p
	n	%	n	%	
Inseguros	69	38.8	109	61.2	ns
Seguros	33	31.7	71	68.3	

ns não significativo

2.1.3. O Evitamento da Proximidade e Ansiedade Relativa ao Abandono no Sexo Feminino e no Sexo Masculino. Procurou-se também compreender se existiam diferenças entre indivíduos do sexo feminino e indivíduos do sexo masculino ao nível da *ansiedade relativa ao abandono* e do *evitamento da proximidade* nas suas relações de vinculação íntimas. Com este propósito, foi realizada uma análise de variância multivariada (MANOVA) que demonstrou existirem diferenças multivariadas ao nível da *ansiedade relativa ao abandono* e do *evitamento da proximidade* nas relações de vinculação íntimas em função do sexo dos participantes, Wilks' $\lambda = .96$, $F(2, 279) = 6.11$, $p = .003$, $\eta^2 = .61$.

Tabela 5. Comparação entre Participantes do Sexo Masculino e do Sexo Feminino ao Nível do Evitamento da Proximidade e da Ansiedade Relativa ao Abandono nas Relações de Vinculação Íntimas

	Sexo masculino	Sexo feminino	F (1, 280)
	(n = 102) Média (DP)	(n = 180) Média (DP)	
Evitamento	2.46 (0.97)	2.07 (0.86)	12.22***
Ansiedade	3.92 (0.97)	3.86 (1.00)	.21

*** $p < .001$

Testes Univariados revelaram que indivíduos do sexo feminino e indivíduos do sexo masculino diferem significativamente ao nível da dimensão *evitamento da proximidade* na relação de vinculação estabelecida com o parceiro romântico, $F(1, 280) = 12.22$, $p = .001$. Indivíduos do sexo masculino apresentaram maior *evitamento da proximidade* nas relações de vinculação íntimas do que indivíduos do sexo feminino. Os testes Univariados revelaram ainda que indivíduos do sexo feminino e indivíduos do sexo masculino não diferem significativamente ao nível da dimensão *ansiedade relativa ao abandono* na relação de vinculação íntima, $F(1, 280) = .21$, $p = .65$.

2.2. As Relações Familiares e as Relações de Vinculação Íntimas.

2.2.1. O Estilo de Vinculação Íntima e a Vinculação às Figuras Parentais. Nesta fase pretendia-se avaliar a existência de diferenças entre indivíduos seguros e inseguros nas suas relações de vinculação íntimas ao nível das dimensões da representação da vinculação ao pai e à mãe. Como referido anteriormente, as representações da vinculação que os participantes possuem em relação às suas figuras parentais foram avaliadas separadamente, assim, procedeu-se à análise destes dados de forma separada.

2.2.1.1. Representação da Vinculação ao Pai. No sentido de avaliar diferenças entre indivíduos seguros e inseguros nas suas relações de vinculação íntimas ao nível das dimensões da representação da vinculação ao pai, recorreu-se à análise de variância multivariada (MANOVA). Observamos diferenças multivariadas ao nível das dimensões da representação da vinculação ao pai em função do estilo de vinculação estabelecido com o parceiro romântico, Wilks' $\lambda = .89$, $F(3, 248) = 10.55$, $p < .001$, $\eta^2 = .11$.

Tabela 6. Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível das Dimensões de Representação da Vinculação ao Pai

	Inseguros ($n = 164$) <i>Média (DP)</i>	Seguros ($n = 88$) <i>Média (DP)</i>	<i>F(1, 250)</i>
Inibição da Exploração e Individualidade	2.74 (0.87)	2.25 (0.78)	19.89***
Qualidade do Laço Emocional	4.91 (0.90)	5.15 (0.81)	4.32*
Ansiedade de Separação e Dependência	3.27 (0.91)	3.01 (0.95)	4.59*

*** $p < .001$; * $p < .05$

Testes Univariados revelaram que indivíduos seguros e inseguros nas suas relações de vinculação íntimas diferem significativamente ao nível da dimensão *Inibição da Exploração e Individualidade*, $F(1, 250) = 19.89$, $p < .001$, da dimensão *Qualidade do Laço Emocional*, $F(1, 250) = 4.32$, $p = .04$ e da dimensão *Ansiedade de Separação e Dependência*, $F(1, 250) = 4.59$, $p = .03$ na relação de vinculação estabelecida com o pai. Os participantes com um estilo de vinculação inseguro nas suas relações íntimas apresentam maior *Inibição da Exploração e Individualidade*, maior *Ansiedade de Separação e Dependência* e menor *Qualidade do Laço Emocional* face ao pai, quando comparados com indivíduos seguros nas suas relações de vinculação íntimas.

2.2.1.2. Representação da Vinculação à Mãe. No sentido de aferir diferenças entre indivíduos seguros e inseguros nas suas relações de vinculação íntimas ao nível das dimensões da representação da vinculação à mãe, foi realizada uma análise de variância multivariada (MANOVA), que apontou para diferenças multivariadas ao nível das dimensões da representação da vinculação à mãe em função do estilo de vinculação estabelecido com o parceiro romântico, Wilks' $\lambda = .89$, $F(3, 252) = 10.62$, $p < .001$, $\eta^2 = .11$.

Tabela 7. Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível das Dimensões de Representação da Vinculação à Mãe

	Inseguros (<i>n</i> = 166)	Seguros (<i>n</i> = 90)	
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>F</i> (1, 254)
Inibição da Exploração e Individualidade	2.81 (0.90)	2.32 (0.84)	18.17***
Qualidade do Laço Emocional	5.09 (0.87)	5.33 (0.61)	5.15*
Ansiedade de Separação e Dependência	3.40 (0.88)	3.11 (0.93)	6.23*

*** $p < .001$; * $p < .05$

Testes Univariados revelaram que indivíduos seguros e inseguros nas relações de vinculação íntimas diferem significativamente ao nível da dimensão *Inibição da Exploração e Individualidade*, $F(1, 254) = 18.17$, $p < .001$, da dimensão *Qualidade do Laço Emocional*, $F(1, 254) = 5.15$, $p = .02$ e da dimensão *Ansiedade de Separação e Dependência*, $F(1, 254) = 6.23$, $p = .01$ na relação de vinculação estabelecida com a mãe. Os participantes com um estilo de vinculação inseguro nas suas relações íntimas apresentam maior *Inibição da Exploração e Individualidade*, maior *Ansiedade de Separação e Dependência* e menor *Qualidade do Laço Emocional* face à mãe, quando comparados com indivíduos seguros nas suas relações de vinculação íntimas.

2.2.2. O Estilo de Vinculação Íntima e a Estrutura Familiar. Recorreu-se ao teste de Qui-Quadrado de modo a verificar a existência de associação entre indivíduos seguros e inseguros nas relações de vinculação íntimas e a sua estrutura familiar⁵ (famílias intactas vs famílias divorciadas). Este teste revelou a existência de uma associação significativa entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e inseguro e a sua estrutura familiar, $\chi^2(1) = 4.39$, $p = .04$. Enquanto que 18.9% dos indivíduos que reportaram um estilo de vinculação íntima inseguro são provenientes de famílias divorciadas, apenas 9.3% dos indivíduos que reportaram um estilo de vinculação íntima seguro são provenientes de famílias divorciadas (Tabela 8).

⁵ Note-se que para esta análise foram apenas incluídas as famílias intactas e divorciadas, excluindo-se os participantes com pai e/ou mãe viúvo(a), e participantes cujos pais nunca tiveram qualquer tipo de relação. O único participante da amostra proveniente de uma família que vive em união de facto, nesta análise foi incluído no grupo das famílias intactas.

Tabela 8. Medidas Descritivas dos Estilos de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro para os Participantes Provenientes de Famílias Intactas e Famílias Divorciadas (Teste de Qui-quadrado)

	Inseguros		Seguros		p
	n	%	n	%	
Famílias Intactas	142	81.1	88	90.7	*
Famílias Divorciadas	33	18.9	9	9.3	

* $p < .05$

2.2.3. O Estilo de Vinculação Íntima e o Conflito Interparental. Neste ponto procuramos encontrar diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro ao nível das dimensões do conflito interparental, recorrendo à análise de variância multivariada (MANOVA). Verificaram-se diferenças multivariadas ao nível das dimensões do conflito interparental em função do estilo de vinculação estabelecido com o parceiro romântico, Wilks' $\lambda = .83$, $F(3, 254) = 17.99$, $p < .001$, $\eta^2 = .18$.

Tabela 9. Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível das Dimensões do Conflito Interparental

	Inseguros	Seguros	F (1, 256)
	(n = 164)	(n = 94)	
	Média (DP)	Média (DP)	
Propriedades do Conflito	3.16 (0.93)	2.65 (0.84)	18.93***
Culpa	2.16 (0.70)	1.72 (0.57)	27.11***
Ameaça	3.14 (0.70)	2.59 (0.78)	34.64***

*** $p < .001$

Testes Univariados revelaram que indivíduos seguros e inseguros nas suas relações de vinculação íntimas diferem significativamente ao nível da dimensão *Propriedades do Conflito*, $F(1, 256) = 18.93$, $p < .001$, da dimensão *Culpa*, $F(1, 256) = 27.11$, $p < .001$ e da dimensão *Ameaça*, $F(1, 256) = 34.64$, $p < .001$. Participantes com um estilo de vinculação íntima inseguro apresentam uma maior perceção de conflito entre a díade parental e maior perceção de *Culpa* e *Ameaça* do que participantes com um estilo de vinculação íntima seguro.

2.3. As Relações de Vinculação Íntima e a Psicopatologia.

2.3.1. O Estilo de Vinculação Íntima e as Dimensões do BSI. No sentido de avaliar diferenças entre indivíduos seguros e inseguros na relação de vinculação íntima ao nível das várias dimensões do BSI (Derogatis, 1982), foi realizada uma análise de variância multivariada (MANOVA) que apontou para diferenças multivariadas ao nível das várias dimensões do BSI em função do estilo de vinculação estabelecido com o parceiro romântico, Wilks' $\lambda = .82$, $F(9, 262) = 6.60$, $p < .001$, $\eta^2 = .19$.

Tabela 10. Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível das Várias Dimensões do BSI

	Inseguros (n = 170) Média (DP)	Seguros (n = 102) Média (DP)	F (1, 270)
Somatização	0.48 (0.50)	0.25 (0.33)	17.86***
Obsessões-Compulsões	1.24 (0.63)	0.84 (0.55)	28.29***
Sensib. Interpessoal	0.91 (0.82)	0.37 (0.47)	38.16***
Depressão	0.99 (0.76)	0.41 (0.42)	50.99***
Ansiedade	0.84 (0.62)	0.47 (0.42)	27.79***
Hostilidade	1.00 (0.73)	0.57 (0.52)	27.68***
Ansiedade Fóbica	0.40 (0.52)	0.15 (0.25)	20.82***
Ideação Paranóide	1.05 (0.72)	0.54 (0.64)	34.45***
Psicoticismo	0.74 (0.64)	0.25 (0.38)	49.49***

*** $p < .001$

Testes Univariados revelaram que indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro diferem significativamente ao nível da dimensão *Somatização*, $F(1, 270) = 17.86$, $p < .001$, da dimensão *Obsessões-Compulsões*, $F(1, 270) = 28.29$, $p < .001$, da dimensão *Sensibilidade Interpessoal*, $F(1, 270) = 38.16$, $p < .001$, da dimensão *Depressão*, $F(1, 270) = 50.99$, $p < .001$, da dimensão *Ansiedade*, $F(1, 270) = 27.79$, $p < .001$, da dimensão *Hostilidade*, $F(1, 270) = 27.68$, $p < .001$, da dimensão *Ansiedade Fóbica*, $F(1, 270) = 20.82$, $p < .001$, da dimensão *Ideação Paranóide*, $F(1, 270) = 34.45$, $p < .001$ e da dimensão *Psicoticismo*, $F(1, 270) = 49.49$, $p < .001$. Indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro pontuaram significativamente mais em todas as dimensões de psicopatologia do BSI (Derogatis, 1982) do que os indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro.

2.3.2. O Estilo de Vinculação Íntima e os Índices Globais do BSI. Testes *t* para Amostras Independentes foram realizados no sentido de aferir a existência de diferenças entre indivíduos seguros e inseguros na relação de vinculação íntima ao nível dos vários Índices Globais do BSI (Derogatis, 1982).

2.3.2.1. Índice Geral de Sintomas. Foram encontradas diferenças significativas entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima insegura e indivíduos com um estilo de vinculação íntima segura ao nível do *Índice Geral de Sintomas*, $t(269) = 7.18$, $p < .001$ (Tabela 11).

Tabela 11. Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível do IGS do BSI

	Inseguros (<i>n</i> = 170) <i>Média (DP)</i>	Seguros (<i>n</i> = 101) <i>Média (DP)</i>	<i>t</i> (269)
IGS	0.83 (0.50)	0.43 (0.33)	7.18***

****p* < .001

Os participantes com um estilo de vinculação íntima inseguro relataram maiores níveis de mal-estar do que participantes com um estilo de vinculação íntima seguro.

2.3.2.2. Total de Sintomas Positivos. Testes *t* para Amostras Independentes revelaram diferenças significativas entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima insegura e indivíduos com um estilo de vinculação íntima segura ao nível do *Total de Sintomas Positivos*, $t(269) = 7.88$, $p < .001$ (Tabela 12).

Tabela 12. Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível do TSP do BSI

	Inseguros (<i>n</i> = 170) <i>Média (DP)</i>	Seguros (<i>n</i> = 101) <i>Média (DP)</i>	<i>t</i> (269)
TSP	26.58 (11.66)	15.66 (9.89)	7.88***

****p* < .001

Os participantes com um estilo de vinculação íntima inseguro relataram um maior número de queixas sintomáticas do que participantes com um estilo de vinculação íntima seguro.

2.3.2.3. Índice de Sintomas Positivos. Testes *t* para Amostras Independentes revelaram diferenças significativas entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima insegura e indivíduos com um estilo de vinculação íntima segura ao nível do *Índice de Sintomas Positivos*, $t(267) = 3.83$, $p < .001$ (Tabela 13).

Tabela 13. Comparação entre Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro ao Nível do ISP do BSI

	Inseguros (<i>n</i> = 169) <i>Média (DP)</i>	Seguros (<i>n</i> = 100) <i>Média (DP)</i>	<i>t</i> (267)
ISP	1.62 (0.42)	1.42 (0.37)	3.83***

*** *p* < .001

Os participantes com um estilo de vinculação íntima inseguro revelaram uma média da intensidade de todos os sintomas assinalados significativamente superior aos participantes com um estilo de vinculação íntima seguro.

2.3.3. O Estilo de Vinculação Íntima e a Perturbação Emocional. Como já foi mencionado previamente, o *Índice de Sintomas Positivos* (ISP) do instrumento BSI (Derogatis, 1982) é utilizado como uma medida geral de perturbação emocional. Assim, a presença de perturbação emocional poderá ser considerada quando a pontuação no ISP é igual ou superior a 1.7. De modo a verificar se a perturbação emocional se encontra associada ao estilo de vinculação estabelecido com o parceiro romântico, foi realizado o teste de Qui-Quadrado. Este teste revelou que existe uma associação significativa entre indivíduos seguros e inseguros nas suas relações de vinculação íntimas e a presença de perturbação emocional, $\chi^2(1) = 12.33, p < .001$. Enquanto que 38.5% dos indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro reportaram estar emocionalmente perturbados, apenas 18.0% dos indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro reportaram estar emocionalmente perturbados (Tabela 14).

Tabela 14. *Distribuição dos Indivíduos com um Estilo de Vinculação Íntima Seguro e Inseguro pelas Categorias Sem Perturbação Emocional e Com Perturbação Emocional (Teste de Qui-quadrado)*

	Inseguros		Seguros		<i>p</i>
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
Sem Perturbação emocional (ISP < 1.7)	104	61.5	82	82.0	
Com Perturbação emocional (ISP ≥ 1.7)	65	38.5	18	18.0	***

****p* < .001

3. Discussão dos Resultados

A presente investigação para além de pretender avaliar a prevalência dos diferentes estilos de vinculação íntima, e as relações entre o género e o estilo de vinculação íntima em jovens adultos estudantes universitários, teve também como objetivo aferir associações entre as relações familiares e o estilo de vinculação íntima dos jovens adultos, e ainda verificar diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e inseguro ao nível do bem-estar psicológico dos jovens adultos.

Dado a caracterização dos diferentes estilos de vinculação íntima numa população (não clínica) de jovens adultos constituir um dos objetivos do presente estudo, verificou-se que 36.9% participantes apresentaram um estilo de vinculação íntima seguro, 46.8% apresentaram um estilo de vinculação íntima preocupado, 14.9% participantes apresentaram um estilo de vinculação íntima medroso e 1.4% um estilo de vinculação íntima desligado. Assim, a maioria dos participantes foram classificados com um estilo de vinculação íntima inseguro (63.1%). Apesar da distribuição dos indivíduos pelos diferentes estilos de vinculação não ter sido coincidente com os encontrados por Bartholomew e Horowitz (1991), em que 47% dos indivíduos foram classificados com um estilo de vinculação seguro, 21% com um estilo de vinculação amedrontado, 18% com um estilo de vinculação desligado e 14% com um estilo de vinculação preocupado, estes autores também verificaram que a maioria dos indivíduos foi classificado com estilos de vinculação inseguro (53%). Contudo, o presente estudo contraria os resultados encontrados por Hazan e Shaver (1987) e Feeney e Noller (1990), onde a maioria dos indivíduos foram classificados com um estilo de vinculação seguro, 56% e 55%, respetivamente. Relativamente ao estilo de vinculação íntima e o género dos participantes, não foram encontradas associações entre estas duas variáveis, o que vai de encontro aos resultados de Colaço (2009). Todavia, diferenças entre indivíduos do sexo masculino e indivíduos do sexo feminino ao nível do evitamento da proximidade e da ansiedade relativa ao abandono foram encontradas. Observou-se que os homens apresentam maior evitamento da proximidade nas suas relações de vinculação íntimas do que as mulheres, tal como já foi encontrado anteriormente (Assunção, 2009; Catarino et al., 2010; Colaço, 2009). Como mencionado previamente, os jovens adultos possuem como base para o assumir das suas tarefas desenvolvimentais o estabelecimento da intimidade e da autonomia (Soares, 2009). Assim, se existirem dificuldades ao nível do conforto com a proximidade, irá dificultar o estabelecimento e consolidação da intimidade, então dificilmente estes indivíduos percecionarão o outro como *base segura* à qual recorrer e a partir do qual poderão explorar o meio envolvente. Deste modo, estes indivíduos poderão ver perturbado o comportamento de vinculação, nesta fase espelhado pelo estabelecimento da intimidade e autonomia, e assim ver comprometida não só a exploração “dentro” mas também “para além” das relações (Soares, 2009). Apesar da investigação existente também apontar para as mulheres tenderem a apresentar níveis mais elevados de ansiedade nas suas relações íntimas (e.g., Colaço, 2009), no presente estudo não foram verificadas diferenças a este nível entre homens e mulheres.

No que toca às relações familiares e o estilo de vinculação íntima dos jovens adultos foram encontrados alguns resultados importantes. Um dos objetivos centrais deste estudo consistiu em explorar as diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e inseguro ao nível das várias dimensões de representação da vinculação ao pai e à mãe, partindo da hipótese geral de que a qualidade do relacionamento familiar constitui uma importante fonte de variação na natureza dos relacionamentos íntimos dos jovens adultos. Assim, relativamente ao objetivo mencionado, as representações da vinculação que os participantes possuem em relação às suas figuras parentais, tal como referido anteriormente foram avaliadas separadamente, pois de facto a investigação desenvolvimental sugere que os indivíduos nem sempre evidenciam o mesmo padrão de vinculação com a mãe e com o pai (ver Fox, Kimmerly, & Schafer, 1991 para uma revisão). Porém, os resultados a este nível foram semelhantes para ambas as figuras parentais, na medida em que os participantes com um estilo de vinculação inseguro nas suas relações íntimas apresentaram maior *Inibição da Exploração e Individualidade*, maior *Ansiedade de Separação e Dependência* e menor *Qualidade do Laço Emocional* face ao pai e à mãe, quando comparados com indivíduos seguros nas suas relações de vinculação íntimas. Em particular, estes resultados indicam que indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro ao apresentarem uma maior ansiedade de separação face a ambas as figuras parentais, pode ser indicativo de uma maior dependência das suas relações com os progenitores, e uma maior necessidade de proximidade física e emocional dos pais (Moura & Matos, 2008). Para além disto, os indivíduos com um estilo de vinculação inseguro nas suas relações íntimas apresentaram ainda uma maior perceção de restrições à expressão da individualidade própria imposta pelos pais, uma menor proximidade emocional e pior relação de apoio estabelecida com os pais, isto é, percecionam uma pior qualidade do relacionamento de vinculação com as figuras parentais. Deste modo, parece existir uma correspondência entre a vinculação aos pais e a vinculação estabelecido com o parceiro romântico, o que é consistente com a literatura existente (Ávila et al., 2010; Assunção, 2009; Bastos, 2005; Bragança & Campos, 2010; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Sobral, 2008). Em boa verdade, estes resultados sugerem uma *possível continuidade* entre a qualidade das relações de vinculação aos pais e a qualidade da relação de vinculação estabelecida com o parceiro romântico, sustentando a ideia de Bowlby (1973; 1980) da continuidade da organização da vinculação ao longo do desenvolvimento do indivíduo e da concetualização das relações precoces com a(s) figura(s) de vinculação como prototípicas das relações íntimas na idade adulta (Bowlby, 1969; Cassidy, 2001). Assim, parece natural que indivíduos a quem seja proporcionada pouca exploração, tenham mais dificuldade em desenvolver autonomia e estabelecer a intimidade e confiança nas suas relações íntimas, bem como indivíduos que revelam maiores níveis de ansiedade de separação face às figuras parentais, sejam menos capazes de se envolver em comportamentos exploratórios no seio das suas relações íntimas e de se envolver num clima confiante, visto que, o proporcionar do desenvolvimento de autonomia por parte dos pais, potencia o vivenciar de experiências por parte do indivíduo que lhe permitirão o estabelecimento efetivo de relações íntimas (Collins, Welsh, & Furman,

2009). No que concerne ao objetivo de avaliar a associação entre a estrutura familiar (famílias intactas vs famílias divorciadas) e o estilo de vinculação íntima dos jovens adultos, os resultados demonstraram uma associação significativa entre estas duas variáveis, sendo que 18.9% dos indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro são provenientes de famílias divorciadas e apenas 9.3% dos indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro são provenientes deste tipo de famílias. Estes resultados vão no sentido dos encontrados por Rowland (2006) em que indivíduos descendentes de pais divorciados relataram um padrão de vinculação mais amedrontado (considerando que este último se insere dentro do padrão de vinculação inseguro). Contudo, como mencionado previamente a literatura não é unânime no que respeita aos efeitos do divórcio parental, e como tal a maioria dos estudos encontrados não verificam relações (ou diferenças) entre filhos de pais divorciados e não divorciados e o estilo de vinculação íntima dos indivíduos (Schulman et al., 2001; Meyers, 2007; Sobral et al., 2010). Porém, o facto de existirem estudos que associam o divórcio parental a baixos níveis de qualidade das relações íntimas dos descendentes jovens adultos, devido a apresentarem uma atitude mais positiva em relação ao divórcio e falta de envolvimento nas suas próprias relações (Cui & Fincham, 2010; Cui et al., 2010) parece sugerir por um lado, alguma interferência (ainda que indireta) do divórcio parental na qualidade das relações íntimas dos jovens, e por outro a necessidade de investigação nesta área. De modo congruente a teoria intergeracional do divórcio também sugere que uma adaptação ao divórcio parental mal sucedida pode implicar mais dificuldades relacionais nos jovens descendentes e, apesar do conflito interparental ser já uma variável identificada a influenciar esta adaptação (Amato & Sobolewski, 2001; Fincham, & Durtschi, 2010) seria pertinente a exploração ao nível da investigação qualitativa das crenças, experiências e acontecimentos de vida inerentes a uma má adaptação ao divórcio parental, dado o seu (possível) impacto negativo na qualidade da vida relacional dos jovens, e dada a importância da compreensão da experiência e a significação do indivíduo em termos de intervenção. Na verdade os resultados contraditórios das investigações parecem sugerir que não é a estrutura familiar propriamente dita a influenciar linearmente as dificuldades relacionais experienciadas pelos jovens mas que poderá existir também uma variedade de fatores e variáveis contextuais, como sejam por exemplo, a idade no momento do divórcio dos pais, o novo casamento dos pais, a frequência de contactos com o progenitor não residente, a presença de irmãos, a presença de conflito interparental antes e/ou depois do divórcio, o nível socioeconómico, entre outros, que entram na complexa dinâmica de influências e que podem contribuir para a (in)adaptação e, conseqüentemente para a qualidade das relações íntimas dos jovens. Relativamente ao objetivo que consistia na avaliação das diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e inseguro ao nível das dimensões do conflito interparental, os resultados demonstraram que indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro percebem mais conflitos entre os pais, e sentem-se mais ameaçados e culpados por esses conflitos do que indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro. Apesar de não terem sido encontrados estudos que avaliassem especificamente as variáveis em análise, a investigação existente parece ser bastante

consensual relativamente ao impacto negativo do conflito interparental nos relacionamentos dos jovens adultos descendentes de famílias com estas características (Riggio, 2004; Cui & Fincham, 2010). Na verdade, o conflito parece afetar de modo negativo não só a vinculação da criança aos pais, mas também os subsequentes sentimentos de segurança nas relações (Davies & Cummings, 1994). De facto, acontecimentos de vida negativos, como o divórcio parental e o conflito interparental, podem proporcionar alterações nos modelos internos dinâmicos, a partir das suas (novas) experiências de interação com os prestadores de cuidados, o que tende a moldar as relações futuras (Moura & Matos, 2008). Estas alterações nos modelos internos dinâmicos podem alterar o estilo de vinculação estabelecido com os pais (e.g., um estilo de vinculação seguro para um estilo de vinculação inseguro) e conseqüentemente, o estilo de vinculação íntima futuramente estabelecida com o parceiro romântico, ao afetar a forma como os indivíduos percebem e se comportam nas suas próprias relações íntimas. Deste modo, estudos longitudinais seriam importantes para avaliar esta hipótese da transformação da qualidade da vinculação aos pais após a experiência do conflito interparental (e do divórcio parental) e, posteriormente avaliar a vinculação ao parceiro romântico, verificando-se (ou não) a continuidade da organização da vinculação ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Estes estudos poderiam também ser importantes para perceber de que modo e quais as características das (novas) experiências e/ou relações que podem ser (ou não) reparadoras de um estilo de vinculação (íntima) inseguro. Para além disto, este tipo de estudos poderiam ainda ajudar a perceber de que modo os jovens modelam o seu comportamento nas suas relações íntimas através da observação das interações (desadequadas) dos seus pais, permitindo conhecer algumas das dificuldades interpessoais experienciadas por estes indivíduos.

Os resultados encontrados nesta investigação poderão ajudar-nos a compreender algumas das dificuldades interpessoais sentidas por indivíduos que percecionam *dificuldades* na qualidade da relação de vinculação com os pais e/ou que experienciaram o divórcio parental e/ou conflito interparental, o que poderá tornar-se bastante importante aquando do processo de concetualização de caso e de intervenção junto destes pacientes.

O presente estudo procurou ainda explorar diferenças entre o estilo de vinculação íntima seguro e inseguro ao nível do bem-estar psicológico dos jovens adultos estudantes universitários. Em particular, indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro obtiveram pontuações mais elevadas em todas as dimensões de psicopatologia e índices calculados pelo BSI (Derogatis, 1982) do que os indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro, o que vai de encontro à literatura existente (e.g., Williams & Riskind, 2004; Monteiro et al., 2007). Especificamente, indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro relataram maiores níveis de mal-estar, um maior número de queixas sintomáticas e revelaram uma média da intensidade de todos os sintomas assinalados significativamente superior aos participantes com um estilo de vinculação íntima seguro. Para além disto, o presente estudo revelou ainda uma associação significativa entre a presença de um estilo de vinculação íntima inseguro e a presença de perturbação emocional, onde 38.5% dos indivíduos com um estilo de vinculação íntima

inseguro revelaram estar emocionalmente perturbados, contra 18% dos indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro a revelar perturbação emocional. Tendo em conta que existem alguns estudos que relacionam a psicopatologia, como sejam a depressão e as perturbações de ansiedade, e a insegurança da vinculação na idade adulta (e.g., Fonagy et al., 1996; Rosenstein & Horowitz, 1996), se considerarmos a ideia de Bowlby da continuidade da organização da vinculação ao longo do desenvolvimento do indivíduo, o presente estudo vêm apoiar os resultados anteriormente mencionados. Considerando que as relações de vinculação precoces podem influenciar (ou não) os resultados encontrados, mais uma vez estudos longitudinais seriam pertinentes para avaliar a possível influência de fatores de natureza pessoal, familiar e social na construção das diferentes trajetórias de desenvolvimento (in)adaptativas (Soares, 2009) proporcionando também maior conhecimento ao nível da intervenção.

Debruçando-nos sobre estes resultados, o estilo de vinculação íntima parece estar relacionado com o bem-estar psicológico, com indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro a revelar piores níveis de bem-estar psicológico. Os resultados encontrados parecem oferecer uma direção ao nível da intervenção com esta população, ao sugerir que o enfoque do trabalho ao nível das relações interpessoais poderá ser útil no sentido da diminuição da sintomatologia psicopatológica, e consequente aumento do bem-estar psicológico.

Capítulo III - Conclusão

Apesar dos resultados da presente investigação representarem uma contribuição valorizável à literatura existente, há contudo algumas limitações que devem ser mencionadas. Antes de mais o facto de não se ter controlado a duração das relações íntimas dos participantes, pois tal como mencionado anteriormente, o processo de constituição de uma relação de vinculação com o parceiro tende a demorar cerca de dois anos (Hazan & Shaver, 1994). Infelizmente tal não foi possível controlar, pois tendo em conta a idade dos participantes é natural que o tempo de duração das relações íntimas seja variável e com tendência a ser ainda relativamente curto. Deste modo, perder-se-iam muitos participantes, pelo que poderá ser uma orientação importante para futuros estudos nesta área. Esta limitação remete assim para outra, esta relacionada com a dimensão da amostra do estudo, pois tendo em conta que vários participantes não responderam a todos os questionários, se a amostra fosse maior esta dificuldade poderia ser melhor ultrapassada, já que esta situação reduziu bastante os participantes incluídos nas várias análises efetuadas. Para além disto, o número de participantes provenientes de famílias divorciadas é reduzido, facto que se deveu à dificuldade em encontrar jovens adultos com estas características. Todavia se a amostra fosse maior, aumentaria a probabilidade de encontrar jovens descendentes de famílias divorciadas. Uma outra potencial limitação do presente estudo consiste no facto de, no caso do questionário do conflito interparental (Grych et al., 1992) se ter solicitado aos participantes que se reportassem a momentos temporais distintos, na medida em que se solicitava aos jovens adultos de famílias intactas que se reportassem ao momento atual e aos jovens adultos de famílias divorciadas que se reportassem ao período anterior à separação dos pais. Todavia, Bickham e Fiese (1997) propõem esta metodologia para aceder à perceção do conflito interparental em indivíduos descendentes de famílias intactas e divorciadas, muito embora esta possa sugerir alguns problemas no que respeita à comparação dos resultados, devido ao facto de se reportarem a períodos temporais distintos (Kline, Wood, & Moore, 2003). Assim, apesar desta metodologia ser habitual na utilização deste instrumento, não deixa de colocar alguns constrangimentos ao nível da análise dos dados. Outra limitação a apontar é o facto da informação ter sido recolhida apenas através de instrumento de autorrelato, o que pode representar potenciais problemas como a desejabilidade social e a dificuldade em controlar o preenchimento de todos os questionários do protocolo por todos os participantes. Contudo, foram feitos esforços para ultrapassar estas dificuldades, através do anonimato das respostas e apelando à importância da sinceridade dos participantes e do preenchimento de todos os questionários do protocolo. Uma última limitação a referir é o facto de se ter incluído apenas indivíduos solteiros, contudo esta opção permitia tornar a amostra mais homogénea. Todavia, comparar indivíduos solteiros e casados poderá ser uma orientação importante para futuros estudos nesta área.

De qualquer modo, e apesar destas limitações, este estudo cumpriu com os seus objetivos iniciais essenciais que se prendiam com o prestar uma contribuição para um conhecimento mais aprofundado acerca da problemática da qualidade das relações íntimas em jovens adultos, assim como das

associações entre as relações familiares e o estilo de vinculação íntima dos jovens adultos e das diferenças entre este último ao nível do bem-estar psicológico em jovens adultos. Assim, entre os principais resultados destaca-se a importância das relações familiares, dado que indivíduos com uma vinculação íntima insegura percebem: a) uma pior qualidade do relacionamento de vinculação com ambas as figuras parentais; b) mais conflitos entre os pais, e sentem-se mais ameaçados e culpados por esses conflitos. Para além disto, verificou-se ainda uma associação significativa entre a estrutura familiar e o estilo de vinculação íntima, onde a maioria dos indivíduos provenientes de famílias divorciadas revelou um estilo de vinculação íntima inseguro. Os resultados do presente estudo demonstraram ainda diferenças entre indivíduos com um estilo de vinculação íntima seguro e inseguro ao nível do bem-estar psicológico, onde indivíduos com um estilo de vinculação íntima inseguro revelaram pontuações mais elevadas em todas as dimensões de psicopatologia. Com base nos resultados encontrados parece claro que as experiências entre as figuras parentais e os seus descendentes são fundamentais para o jovem vir a estabelecer, no futuro, relações satisfatórias com o parceiro romântico. Assim, este estudo alerta-nos, enquanto clínicos, para a importância da consideração das relações precoces e ainda, dos modelos de si próprio e do outro na compreensão das atitudes e comportamentos ansiosos e evitantes dos indivíduos nas suas relações interpessoais. Visto que esses modelos não são de fácil acesso através de instrumentos de autorrelato, eles poderão tornar-se mais perceptíveis em contexto clínico, e assim possibilitar que a intervenção contribua para a sua atualização a um nível mais adaptativo (Sobral et al., 2010). Dadas as diferenças encontradas entre indivíduos seguros e inseguros nas suas relações de vinculação íntimas ao nível do bem-estar psicológico, parece impreterível, ao nível da intervenção desafiar o indivíduo com estes padrões de comportamento (ansioso e/ou evitante) nas suas relações a tomar consciência dos mesmos e associar o modo como os encarna à sua história relacional. Os resultados alertam ainda, por um lado, para a necessidade de sensibilização dos pais que se divorciam, acerca da importância da preservação da qualidade da relação com os filhos, e por outro, para a necessidade de intervenção psicológica para apoiar o sistema familiar a lidar com tal acontecimento de vida que implica importantes transições para cada um dos seus elementos – pais e filhos. Porém, os fatores e variáveis contextuais inerentes à experiência do divórcio parental que podem trazer consequências (indiretas) para os jovens carecem de exploração, justificando a pertinência de estudos nesta área. Não menos importante, os resultados do presente estudo sugerem que o conflito interparental poderá ter *repercussões* nas relações íntimas dos jovens adultos, alertando para a necessidade da sensibilização dos pais com este tipo de dinâmicas disfuncionais. Deste modo, justifica-se a continuação da investigação no que respeita ao contributo das relações familiares para a qualidade das relações íntimas dos jovens adultos (incluindo o estilo de vinculação íntima), assim como da clarificação do (possível) papel mediador do divórcio parental e conflito interparental e as suas variáveis associadas. E, efetivamente, se for levado em conta que os estudos nesta área são escassos, que 63.1% dos jovens adultos revelaram um estilo de vinculação

íntima inseguro, e que estes últimos revelaram maiores níveis de mal-estar psicopatológico, a pertinência de estudos que abordem este tema é justificável.

Estes resultados contribuem para uma melhor compreensão da relação entre as experiências com as figuras de cuidado e as relações íntimas dos jovens adultos. Para além disto, permitem verificar que estas mesmas relações íntimas poderão estar relacionadas com o bem-estar psicológico dos indivíduos, podendo consequentemente afetar a qualidade de vida das pessoas. Assim, estes dados são úteis no desenho e implementação de intervenções preventivas, identificando potenciais alvos de intervenção, no sentido de reduzir o impacto negativo que as experiências familiares podem desempenhar.

Referências

- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, *44*, 709-716.
- Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 60-83). New York: Routledge.
- Ainsworth, M., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, N.Y.: Erlbaum.
- Amato, P. R. (1996). Explaining the intergenerational transmission of divorce. *Journal of Marriage and the Family*, *58*, 628–640.
- Amato, P. R., & Booth, A. (1997). *A generation at risk: Growing up in an era of family upheaval*. Cambridge: Harvard University Press.
- Amato, P. R., & Sobolewski, J. M. (2001). The effects of divorce and marital discord on adult children's psychological well-being. *American Sociological Review*, *66*, 900-921.
- Assunção, R. (2009). *Associação entre vinculação parental e amorosa: O papel da competência interpessoal e da tomada de perspectiva*. Dissertação de Mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade do Porto, Portugal.
- Ávila, M., Cabral, J., & Matos, P.M. (2010). Parental attachment and psychosocial development in young adults: the mediating role of romantic relationships. *Psicologia Educação e Cultura*, *14*(1), 165-186.
- Bandura, A. (1983). *Principios de modificación de conducta*. Salamanca: Ediciones Sigueme.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relations*, *7*, 147-178.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*(2), 226-244.
- Bartholomew, K., & Shaver, P. R. (1998). Methods of assessing adult attachment. Do they converge? In J. A. Simpson, & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 25-45). New York: Guildford Press.
- Bastos, M. (2005). *A solidão e os Processos de Vinculação nos Jovens e a sua Inter-Relação com a Utilização da Internet*. Dissertação de Doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade do Porto, Portugal.
- Bickham, N. L., & Fiese, B. H. (1997). Extension of the children's perception of interparental conflict scale for use with late adolescents. *Journal of Family Psychology*, *11*, 246-250.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss, sadness and depression*. London: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Clinical implications of attachment theory*. London: Routledge.

- Bragança, A., & Campos, R. C. (2010). Estilos de vinculação amorosa e experiências relacionais na infância de cariz disfuncional: Um estudo com uma amostra de estudantes universitários. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de sintomas psicopatológicos - BSI. In M. R. Simões, M. Gonçalves & L. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal – Volume II* (pp. 95-109). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Carlson, E. A., & Sroufe, L. A. (1995). The contribution of attachment theory to developmental psychopathology. In D. Cicchetti & D. Cohen (Eds.), *Developmental Processes and psychopathology: Vol. 1. Theoretical perspectives and methodological approaches* (pp. 581-617). New York: Cambridge University Press.
- Cassidy J. (2001). Truth, lies, and intimacy: An attachment perspective. *Attachment & Human Development*, 3, 121–155.
- Catarino, H., Oliveira, A. F., Pereira, A. L., Santos, I. C., Mota, V., & Asceno, V. H. (2010). A vinculação às figuras parentais e violência nas relações de namoro em estudantes do ensino superior. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Cavanaugh, J. (2005). *Adult development and aging*. California: Cole Publishing Company.
- Colaço, L. I. (2009). *Estilo de vinculação e satisfação na relação de namoro à distância*. Dissertação de Mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Lisboa, Portugal.
- Collins, N., & Feeney, B. (2004). An attachment theory perspective on closeness and intimacy. In D. Mashek & A. Aron (Eds.), *Handbook of Closeness and Intimacy*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Collins, N., & Read, S. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Collins, W. A., & Sroufe, L. A. (1999). Capacity for intimate relationships: A developmental construction. In W. Furman, B. B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 125-147). New York: Cambridge University Press.
- Collins, W., Welsh, D., & Furman, W. (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology*, 60, 631-652.

- Conger, R. D., Cui, M., Bryant, C. M., & Elder, G. H. (2000). Competence in early adult romantic relationships: A developmental perspective on family influences. *Journal of Personality and Social Psychology, 79*, 224–237.
- Cui, M., & Fincham, F. D. (2010). The differential effects of parental divorce and marital conflict on young adult romantic relationships. *Personal Relationships, 17*, 331-343.
- Cui, M., Fincham, F. D., & Durtschi, J. A. (2010). The effect of parental divorce on young adults' romantic relationships dissolution: What makes a difference?. *Personal Relationships, 18*(3), 410-426.
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: An emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin, 116*, 387–411.
- Derogatis, L. R. (1982). *BSI: Brief Symptom Inventory*. Minneapolis: National Computers System.
- Egeland, B., & Carlson, E. (2004). Attachment and psychopathology. In L. Atkinson & S. Goldberg (Eds.), *Attachment issues in psychopathology and intervention* (pp. 27-48). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Erikson, E. (1968). *Identity: Youth and Crisis*. London: Faber & Faber.
- Feeney, J., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*(2), 281-291.
- Feeney, J., & Noller, P. (1996). *Adult attachment*. California: Sage Publications.
- Fife-Schaw, C. (2006). Levels of measurement. In G. M. Breakwell, S. Hammond, C. Fife-Schaw, & J. A. Smith (Eds.), *Research Methods in Psychology* (3rd ed.) (pp. 50-63). London: Sage.
- Fonagy, P., Leigh, T., Steele, M., Steele, H., Kennedy, R., Mattoon, G., Target, M., & Gerber, A. (1996). The relation of attachment status, psychiatric classification, and response to psychotherapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 64*, 22-31.
- Fox, N. A., Kimmerly, N. L., & Schafer, W. D. (1991). Attachment to mother/attachment to father: A meta-analysis. *Child Development, 62*, 210-225.
- Fraley, C., & Spieker, S. J. (2003). What are the differences between dimensional and categorical models of individual differences in attachment? Reply to Cassidy (2003), Cummings (2003), Sroufe (2003), and Waters and Beauchaine (2003). *Developmental Psychology, 39*, 423-429.
- Gabardi, L., & Rosen, L. A. (1992). Intimate relationships: College students from divorced and intact families. *Journal of Divorce and Remarriage, 18*(3), 25-56.
- Grotevant, H. D., & Carlson, C. I. (1989). *Family assessment: A guide to methods and measures*. New York: Guilford Press.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and child adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin, 108*, 267-290.
- Grych, J. H., Seid, M., & Fincham, F. D. (1992). Assessing marital conflict from the child's perspective: The Children's Perception of Interparental Conflict Scale. *Child Development, 63*, 558-572.

- Havighurst, R. J. (1972). *Developmental tasks and education*. New York: David McKay Com, Inc.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1990). Love and work: An attachment theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 270-280.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22.
- Instituto Nacional de Estatística. (2001). *Portugueses: Menos casamentos e mais divórcios?* Lisboa, Portugal: Autor.
- Instituto Nacional de Estatística. (2010). *Indicadores Sociais 2010*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Klein, J. M. (2007). *Psychophysiological correlates of attachment organization: Linear and non-linear analysis of automatic regulation during the adult attachment interview*. Ph.D. Thesis, University of Minho, Braga, Portugal.
- Kline, G. H., Wood, L. F., & Moore, S. (2003). Validation of modified family and interparental conflict scales for use with young adults from divorced and non-divorced families. *Journal of Divorce & Remarriage*, 39, 125-142.
- Lima, V. (2009). *Vinculação, Representação da Relação Íntima e Interação Diádica em Adultos*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Lima, V., Vieira, F., & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interação conjugal. *Psicologia*, 20 (1), 51-63.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (1-2, serial No. 209), 66-104.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *Questionário de vinculação ao pai e à mãe*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2004). *Assessing attachment representations in adolescence: The father-mother attachment questionnaire*. Poster presented in IX Conference of the European Association of Research on Adolescence, Porto, Portugal.
- Menezes, I. (1990). Desenvolvimento em contexto familiar. In B. P. Campos (Coord.), *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens: Volume II* (pp. 52-91). Lisboa: Universidade Aberta.

- Meyers, S. R. (2007). *The relationship between parental divorce and adult romantic attachment: Considering factors of parenting style and psychological hardiness*. Ph.D. Thesis, Pace University, New York, United States of America.
- Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2007). Relação entre vinculação, sintomatologia psicopatológica e bem-estar em estudantes do primeiro ano do ensino superior. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 8 (1), 83-93.
- Morgado, A. M. (2010). *Estrutura e Relações Familiares: Implicações para o Desenvolvimento da Socialização*. Dissertação de Mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra, Portugal.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2008). Apego, conflito e auto-estima em adolescentes de famílias intactas e divorciadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 344-352.
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. *Psicologia*, 22(1), 127-152.
- Moura, O., Santos, R. A., & Matos, P. M. (2010). The Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC). Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal.
- Moura, O., Santos, R. A., & Matos, P. M. (2006). *The Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC): Análise Factorial Confirmatória com Adolescentes e Jovens Adultos*. Poster apresentado na XI Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. Universidade do Minho: Braga, Portugal.
- Pascarella, E. T., & Terenzini, P. T. (2005). *How college affects students: A third decade of research*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Pires, H. S. (2005). Aspectos educativos do sistema relacional em famílias monoparentais. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 3, 293-302.
- Riggio, H. R. (2004). Parental marital conflict and divorce, parent-child relationships, social support, and relationships anxiety in young adulthood. *Personal Relationships*, 11, 99-114.
- Rollie, S. S., & Duck, S. (2006). Divorce and dissolution of romantic relationships: stage models and their limitations. In M. A. Fine & J. H. Harvey (Eds.), *Handbook of divorce and relationship dissolution*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Rosenstein, D., & Horowitz, H. (1996). Adolescent attachment and psychopathology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 244-253.
- Rowland, A. (2006). *The effect of parental divorce on romantic beliefs and relationship characteristics*. Ph.D. Thesis, University of North Texas, Denton, Texas.
- Santos, E., & Apóstolo, J. (1999). Validação da versão portuguesa do questionário – Experiences in Close Relationships. Manuscrito não publicado, Universidade de Coimbra, Portugal.

- Schulman, S., Scharf, M., Lumer, D., & Mauer, O. (2001). Parental divorce and young adult children's romantic relationships: Resolution of the divorce experience. *American Journal of Orthopsychiatric*, 71(4), 473-478.
- Shaver, P. R., & Hazan, C. (1988). A biased overview of the study of love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5, 473-510.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2009). An overview of adult attachment theory. In J. H. Obegi & E. Berant (Eds.), *Attachment Theory and Research in Clinical Work with Adults*. New York: The Guilford Press.
- Soares, I. (1996a). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: mãe-filho(a)*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Soares, I. (1996b). Vinculação: questões teóricas, investigação e implicações clínicas. *Revista portuguesa de Psiquiatria*, 11, 35-71.
- Soares, I. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: Teoria e investigação das relações de vinculação. In I. Soares (Coord.) *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajetórias (in)adaptables ao longo da vida* (pp. 145-434). Coimbra: Quarteto Editora.
- Soares, I. (2002). *A vinculação vinculada. Lição Síntese*. Manuscrito não publicado. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Soares, I. (2009). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. (2ª ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Sobral, M. P. (2008). *Relações Entre Medo da Intimidade, Vinculação e Divórcio Parental*. Dissertação de Mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Universidade do Porto, Portugal.
- Sobral, M. P., Almeida, P. R., & Costa, M. E. (2010). Medo da intimidade, vinculação e divórcio parental: um estudo com jovens adultos. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Sroufe, L. A., Carlson, E. A., Levy, A. K., & Egeland, B. (1999). Implications of attachment theory for developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 11, 1-13.
- Westervelt, K., & Vandenberg, B. (1997). Parental divorce and intimate relationships of young adults. *Psychological Reports*, 80, 923-926.
- Williams, N. L., & Riskind, J. H. (2004). Adult romantic attachment and cognitive vulnerabilities to anxiety and depression: Examining the interpersonal basis of vulnerability models. *Journal of Cognitive Psychotherapy*, 18(1), 7-24.
- Woodward, L., Fergusson, D., & Belsky, J. (2000). Timing of parental separation and attachment to parents in adolescence: Results of a prospective study from birth to age 16. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 162-174.